ISSN 3086-6618

PROUST MAGAZINE

LITERATURA · MEMÓRIA · REFLEXÃO



Vol. 1 No. 5 (nov/2026)

RESGATANDO TEMPO, CONSTRUINDO LEGADO.

CONTOS, POEMAS E MEMÓRIAS SELECIONADOS DO PÚBLICO.

PROUST EDITORA

WWW.PROUSTMAGAZINE.ORG | @PROUST.EDITORA

Expediente

© 2026 Proust Editora Ltda. Todos os direitos reservados no Brasil e no exterior pela editora e pelos respectivos autores.
Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

PROUST MAGAZINE

Vol. 1. No. 5 (nov/2026)
Canoas – RS, Brasil
ISSN 3086-6618 — edição impressa · Periodicidade: Mensal

DIREÇÃO EDITORIAL

Editor-Chefe: Youssef Bouguerra

CONSELHO EDITORIAL

Myriam Abdelmoula · Sofia de Mello Pimentel Bouguerra
Dr. Farlley Derze

CURADOR DE ESTUDOS LITERÁRIOS

Dr. Farlley Derze

PRODUÇÃO, DESIGN E ARTES

Projeto Gráfico e Diagramação: Youssef Bouguerra
Revisão de Texto: Youssef Bouguerra e Autores
Artes Visuais (Capa e Miolo): desenvolvidas com o auxílio de inteligência artificial.

APOIO

A Proust Magazine agradece a Diego P. Santos e a Maria Rosello, apoiadores mensais do projeto, por contribuírem para a continuidade de uma revista literária independente. O apoio financeiro recebido não interfere na linha editorial, na seleção ou na publicação dos textos.

DADOS DESTA EDIÇÃO

Editora: Proust Editora · Canoas, RS, 2026
Extensão: 101 páginas
Assuntos: Literatura; Contos; Poesia; Memórias
Responsável Editorial: Bouguerra, Youssef
Classificação temática: CDD 869.05 · CDU 821.134.3(81)(05)

CONTATO

www.proustmagazine.org · editor@proustmagazine.org
Instagram: @proust.editora
Para apoiar a Proust Magazine, acesse nosso site.

Editorial

Vozes

Gosto dos fragmentos da Celuta, pílulas de sabedoria, gotículas de arte. Gosto do estilo da Celuta, assim como eu gosto do estilo das outras autoras e dos outros autores que seleciono. É por isso que estão aqui. Sem a pretensão de imitar o estilo da Celuta, vou escrever este editorial em forma de fragmentos.

Em literatura, *estilo* parece ser uma palavra antiquada. Embora não sejam conceitos idênticos, hoje em dia ouço falar muito mais de *voz* do que de *estilo*. Eu sou das antigas.

Êxtase

Um texto — um pequeno poema — desta edição me deixou em êxtase. Não vou dizer qual é.

Revelação

Não sei guardar um segredo… Então vou dizer qual é: *Distúrbios de visão*, de Antonio Adonias Bastos. Desculpe-me, Farlley, se não sei explicar por que fiquei em êxtase!

Fiéis

Alegra-me imensamente receber e publicar textos de autoras e de autores que nos acompanham há algum tempo já. Nesta edição: Celuta, Débora, Estela, Farlley, Jairo, Paulo, Sheila e Stegues.

Às outras autoras e aos outros autores que publicaram conosco mais de uma vez e que não estão aqui: sentimos sua falta — Acácio, Alexandre, Geraldo, Harley, Isabella, Lu, Maria, Mariângela e Paulo Renato.

Recém-convertidos

Da mesma forma que me alegra voltar a publicar autoras e autores, fico muito contente com as novas *vozes* que vêm compor o sumário desta edição: Alec, André, Antonio, Ayla, César, Isabela, Jonas, Marcela e Rildo. Sejam muito bem-vindas e muito bem-vindos!

Finados

A questão da finitude aparece em vários textos desta edição. Faz parte da *ordem das coisas*. Novembro?

Crescente

Nossa comunidade está crescendo — e nosso Conselho Editorial também. Mais sobre isso nos próximos capítulos…

Youssef Bouguerra

Fragmentos

Editorial 2

A camiseta branca 6
Alec Makuei

Toina 9
André Santo Amaro

Histórias 14
Antonio Adonias Bastos

Distúrbios de visão 17
Antonio Adonias Bastos

A ordem das coisas 19
Ayla Lima

A procissão 22
Celuta Machado

Danos da epifania 23
Celuta Machado

O que resta depois do nome 25
César Alexandre da Silva Aprile

O que sobra depois do filme 29
Débora Camila Brasil

Entre margens 32
Estela Reis

Quando se vê... 38
Estela Reis

Carta ao meu eu jovem de 18 anos 42
Farlley Derze

Navegação 47
Isabela Silva

Desde ontem 49
Jairo V Santiago

Viver é preciso 50
Jairo V Santiago

Camisa de linho azul 52
Marcela Torino

Os homens que não aparecem nas fotografias 56
Paulo Nascimento Guerra

O país onde ninguém sabia o meu nome 63
Paulo Nascimento Guerra

O cavalo 70
Rildo Oliveira

O encanto do outono 75
Sheila Regina Sarra

Tirana 80
Stegues

Do Salão da Proust 85



Alec Makuei



Alec Makuei é francês e vive no Brasil. Trabalhou por muitos anos com a organização humanitária Médicos Sem Fronteiras; suas experiências em missões humanitárias inspiram seus textos.

A camiseta branca

No ano de 2005, o Sudão ainda carregava as cicatrizes de quase quarenta anos de guerra civil.

Akuem tentava se recuperar. A guerra deixara poucos edifícios de pé. Muitos habitantes haviam fugido; poucos tinham voltado. O acesso aos cuidados de saúde havia sido esquecido.

A MSF havia montado algumas tendas para atender à população. Talvez fosse o único oásis de saúde num raio de centenas de quilômetros. Chegávamos de avião, vindos do Quênia e da nossa base de apoio em Lokichoggio.

Aquele hospital de campanha tinha um serviço de consultas, com cerca de quinhentas consultas por dia; uma maternidade sem capacidade para realizar cesarianas; uma enfermaria com cerca de trinta leitos; uma pequena sala de cirurgia; um laboratório; uma farmácia; e o serviço de tuberculose, pelo qual eu seria responsável durante seis meses.

O tratamento dessa doença, muito prevalente na região, era oferecido gratuitamente a milhares de pessoas e não tinha equivalente num raio de centenas de quilômetros.

Era minha primeira missão com a MSF. Enfermeiro de formação, eu chegava da França para assumir uma responsabilidade que ainda não conhecia.

Querendo dar o exemplo, eu atravessava pontualmente às sete horas o portão que marcava a entrada do setor de tuberculose.

Eu estava preocupado com as responsabilidades que me esperavam e muito orgulhoso da minha camiseta branca com o logotipo da MSF.

Ela estava impecavelmente limpa.

Como se aquela brancura dissesse algo sobre o meu profissionalismo.

Desde o primeiro dia, mal eu entrava, já havia alguém me esperando.

Seu nome era Majok Makuei.

Ele tinha cinco anos.

Uma meningite tuberculosa havia provocado uma hemiplegia e deixado sequelas. Seu olho esquerdo já não se fechava, sua boca permanecia entreaberta, e o braço esquerdo e a perna esquerda estavam retraídos.

Ele só tinha uma túnica azul.

Todos os dias, ela ficava coberta de poeira vermelha, terra e saliva.

E, todas as manhãs, Majok só queria uma coisa.

Me abraçar.

Eu…

Não queria sujar minha camiseta branca.

Durante uma semana inteira, aperfeiçoei uma verdadeira técnica.

Eu me esquivava.

Dava a volta.

Escapava.

Sorria para ele.

Mas mantinha distância.

Até que, certa manhã, parei.

Olhei para Majok.

E entendi.

Ele não estava me pedindo absolutamente nada além de um abraço.

Então o apertei contra mim.

Sua túnica enlameada de terra e saliva deixou uma grande marca na minha camiseta.

Às sete e cinco daquela manhã, eu já não era branco.

E, pela primeira vez, isso não tinha mais importância alguma.

Eu havia sido batizado.

Não tinha apenas sujado uma peça de roupa.

Eu começava a abandonar uma parte do meu olhar europeu, com seus hábitos, suas certezas e seus condicionamentos.

Tudo aquilo que fazia da limpeza uma ordem estabelecida acabava de desmoronar.

Majok, de cinco anos, acabara de derrubar tudo.

Entendi que ninguém me julgaria pela brancura da minha camiseta.

Que, às vezes, manter-se limpo podia significar não fazer nada.

Eu seria julgado pelos meus atos.

E talvez minha camiseta contasse essa história por mim.

Majok nunca soube.

Mas, naquele dia, ele me ofereceu exatamente aquilo de que eu precisaria ao longo dos anos seguintes.

Ele me deu permissão para me sujar.



André Santo Amaro

André Santo Amaro desenvolve *software* há 24 anos e escreve histórias absurdas sobre pessoas: umas reais, outras de um futuro demasiado próximo, distopias de bolso com gente comum. Publica contos, crónicas e despachos no seu Edital Pessoal.



Toina

Maria Antónia, na Póvoa Três, é um nome muito comprido. Na escola, a professora usava-o para lhe chamar a atenção. Mas, na vida prática no campo, ninguém tinha tempo para nomes tão compridos. Era a Toina, e bastava para tudo o que não fosse escolar.

Na escola, a professora apontou-lhe uma letra.

— Maria Antónia, que letra é esta?

— Não sei.

— Cabeça de alho chocho, Maria Antónia. Não sabes nada.

— Sei, sei. Sei quarenta e nove músicas. Mais uma…

Faltava-lhe uma para as cinquenta, porque o primo José Carriço — o Carriço, mais fácil de chamar por quem dele precisasse — ainda lha estava a ensinar. A professora ficou a saber.

Costura nunca aprendeu. Era o que se esperava das raparigas. A irmã aprendeu, ela não quis. Não gostava. Preferia a égua e ajudar a semear e estrumar o trigo com o pai Abílio.

Andava *escorripichada* num cavalo desde que se lembrava. A mãe ralhava-lhe da porta:

— Ó Toina, andas a chalandrar! Olha a escola e os deveres.

As vizinhas benziam-se, os homens riam para dentro dos seus bigodes. A Toina passava direita a cavalgar as obrigações que o pai lhe dava. Quem quisesse afastava-se. A égua tinha sempre prioridade.

Fazia o que normalmente cabia aos homens. Subia a encosta a cavalo a buscar as sementes ou o que fosse preciso plantar. As outras miúdas, as que não queriam costura ou a quem ninguém a ensinava, andavam a apanhar caroços de azeitona para vender, para fazer bagaço. Nenhuma ousava cavalgar. Isso era para Toina, a machona. Cabelo cortado à Joãozinho, sempre pronta para as tarefas mais duras.

Quando lhe mandavam fazer alguma coisa, resistia. Quando lhe diziam que era melhor não experimentar, ou que não seria capaz, ganhava vontade de a fazer.

Quando a irmã precisava de água, dizia-lhe que não fosse à fonte. Se era preciso acabar de lavar o chão, dizia-lhe para descansar. A Toina conhecia a manha. Ia na mesma. Saber que a estavam a enganar não chegava para lhe tirar a vontade de contrariar.

O Abílio era cúmplice. Dizia à mesa, sem levantar os olhos do prato, que aquele burro só ele o metia na carroça. No dia seguinte o burro estava na carroça, e o pai fazia de conta que se admirava.

Aos dezasseis anos, pela Quinta-feira de Ascensão, houve as Cavalhadas no largo da Póvoa Três. A Toina inscreveu-se para correr. Quiseram-na inscrever na dos burros. O pai insistiu com a dos cavalos.

Dizia-se que as Cavalhadas vinham do tempo das lutas entre mouros e cristãos. Já não havia mouros nem cristãos para combater. No largo, armava-se um arco com uma argola pendurada. Os cavaleiros tinham de passar a galope e enfiar a ponta da vara na argola, levando-a consigo. Quem apanhasse mais argolas ganhava.

Os foguetes começaram a estoirar quando nasceu o dia. Veio uma nuvem de gente. Uns pela festa, outros pela espiga.

Alguns chegaram de manhã. Vieram pela devoção e participaram no peditório e na missa de manhã nas Abitureiras. Muitos vieram só à tarde para a ver. Uma rapariga a correr nas Cavalhadas não era coisa que se visse. Mulheres a fazer torneios, a cavalo, naqueles tempos, eram notícia que se espalhava depressa.

Cada vez havia menos rapazes a querer cavalhadas, preferiam as bicicletas que iam pelo cemitério até Abitureiras e voltavam por Albergaria. As cavalhadas de burros já tinham sido.

Eram duas as raparigas inscritas.

A Toina levou a sua égua. Era mansa, calma e obediente. Bastava falar-lhe baixo.

A outra que ia correr era a Maria Luísa, a Milisa, filha do Zé da Vaca, prima da tia Joaquina. Era uma dondoca. Só sabia bordar e costurar. Não sabia o que era um burro, quanto mais um cavalo.

O pai é que tinha arranjado a coisa. Apenas o orgulho de um homem que teve uma filha e não teve filho.

A rapariga aparecera no largo arreminada com as botas novas, e olhava a égua do pai como quem olha para uma máquina que não sabe ligar.

Tinha o que se esperava de uma rapariga: o bordado e o pai a guardá-la. Mais tarde havia de casar com um rico, filho único. O que se esperava.

A outra égua era do Zé da Vaca, e era brava. Espantava-se com a sombra das próprias orelhas. Sentia os foguetes ainda antes de rebentarem. O Zé da Vaca nunca largava as rédeas. Dava-lhe volteio, segurava-a pelo cabresto, falava-lhe forte. Mostrava-a. A filha do Zé da Vaca ruminava de medo, com as duas pernas do mesmo lado da sela. Imóvel.

A Toina montava escarranchada, como os homens. Camisa branca e umas calças que a irmã lhe fez. Nenhuma mulher na terra usava calças. Por isso é que podia montar a homem. A Milisa também reparou nas calças. A Toina reparou nas botas novas da Milisa mandadas fazer em Almeirim. Eram bonitas. Nenhuma falou disso.

Ao passarem uma pela outra, a Milisa agarrou-se ao braço da Toina.

— Eu não quero montar nesta.

A Toina olhou para a sua égua. Olhou para a outra. No largo já havia quem reparasse.

— Vai na minha. Ela não te faz mal.

— E tu?

— Eu desenrasco-me.

Foi aí que o largo se calou por um instante. Depois veio o murmúrio dos homens.

— A rapariga meteu-se em trabalhos.

— Daquela cai ela.

— A égua não é para mãos de mulher.

A Toina não respondeu. Ouvir foi o que bastou.

Chegou-se à cabeça do animal, passou-lhe a mão pelo pescoço. Encostou a testa à testa da égua e disse-lhe qualquer coisa que ninguém ouviu.

Montou à segunda. À primeira, a égua rodou. Bastava alguém fazer "shh" que a égua levantava as patas no ar. A Toina apertava com as pernas e apertava o freio.

Rebentou o primeiro foguete quando ela ia a meio do largo. A égua deu um salto de lado que levantou pó até às janelas. A Toina segurou-se com as pernas e com aquilo que se traz de dentro para estes casos. Não caiu. Perdeu a argola.

Deu a volta.

Ao segundo foguete, a égua já sabia. Ou a Toina já lhe sabia o medo. Passou pelo arco baixa sobre o pescoço do animal, o braço estendido,

e a vara saiu com uma argola presa na ponta.

Um homem confirmou a argola. A banda tocou.

O largo não bateu palmas logo. Levou um instante a perceber o que tinha visto. O Manel do Cão, um dos vizinhos que lá estava a ver, encostado ao muro, foi o primeiro a tirar o chapéu.

A Milisa terminou a corrida na égua mansa sem cair, o que já era muito.

Ao desmontar, deixou cair o lenço colorido. Foi o Julinho da Terra que o apanhou e o devolveu. Os homens riram mais do que no dia anterior, quando ele correu no burro.

O Zé da Vaca tinha visto a argola na vara da Toina. Sabia perfeitamente o que tinha acontecido. Gabou a filha a toda a gente durante o resto da tarde.

Quem ganhou foi um de Pero Filho. Apanhou seis argolas. Ficou com o prémio.

A Toina, ninguém a gabou muito em voz alta. Nas terras assim, não se elogia demasiado uma mulher — traz azar, ou traz ideias. Mas ficou com a fama. A família orgulhou-se dela, e ela tinha orgulho no que fez.

O Abílio não precisava que lhe contassem como tinha sido. Conhecia-a. A irmã também. Tinham passado anos a dizer-lhe que não era capaz para conseguirem que fizesse as coisas. Naquele dia tinham sido os homens do largo a fazer o trabalho por eles.

Durante anos, quando se falava da Quinta-feira de Ascensão daquele ano, alguém acabava sempre por dizer:

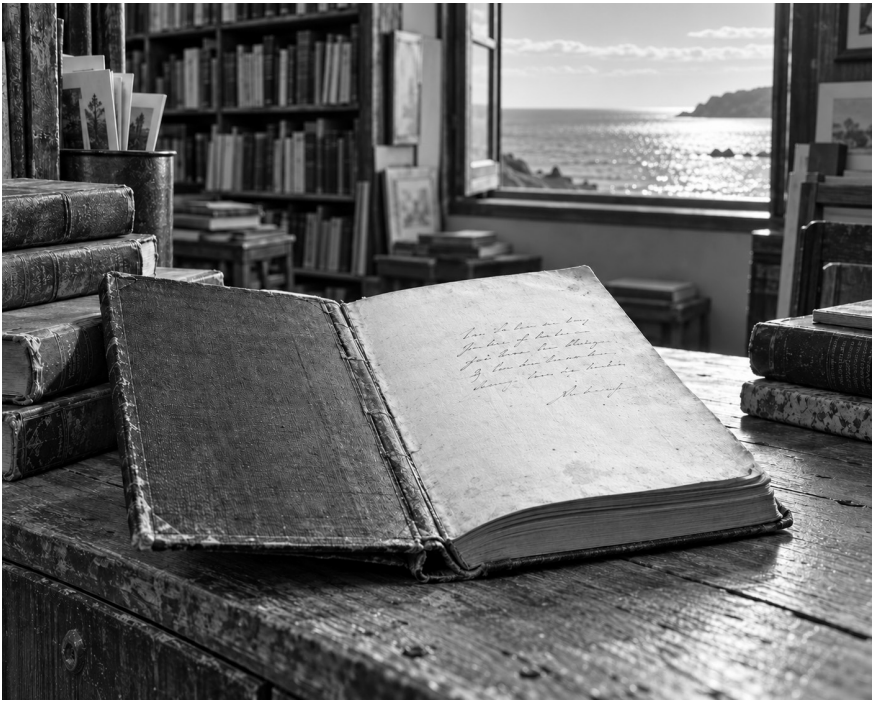
— Foi no ano em que a Toina correu na égua brava.

E os que lá estiveram acrescentavam sempre a mesma coisa, como quem reza:

— Emprestou a dela à outra, lembras-te?

A Milisa casou e seguiu a vida. A Toina também: casou, teve filhos, continuou.

Mas naquela noite houve baile. As outras ficavam nas cadeiras. A Milisa ficou sentada, arreminada, a abanar-se toda. A Toina era sempre convidada. A primeira, e as seguintes. Dançava bem. Adorava dançar. Dançava-se a moda dos casados, uma roda — ninguém ali sabia tangos. Dançava à mesma. O Carriço tocou a última. A Toina acompanhou.



Antonio Adonias Bastos



Antonio Adonias Bastos é poeta e professor da Universidade Federal da Bahia. Autor de *Livro em ré maior*, prepara *Gritos de guerra, manifestos civis e cantigas de ninar*. Sua poesia transita entre linguagem, memória, cotidiano e invenção.

Histórias

Ele os comprava em sebos
Apelidava-os de alfarrábios
Palavra de origem árabe
Que significa livro antigo

E remete ao filósofo Al-Fārābī
O primeiro a formular com clareza
A distinção entre a existência e a essência[1]
Como se fosse possível existir sem ser

Eles contam muitas histórias

A primeira é a assinada pelo autor
Anunciada na capa
É igual em todos os exemplares
Almejada por quem os procura
Como se fosse uma só

Arquitetura, mecânica, poesia
Astronauta, retirante, bailarina
Na lua, biografia, arte, gastronomia
Quadrinhos, política, beijo, maquiagem
Crença e ciência, faça você mesmo

1 Al-Fārābī é apontado por alguns estudiosos como pioneiro dessa distinção na filosofia islâmica. A questão tem antecedentes em Aristóteles e foi desenvolvida por Avicena; a atribuição de prioridade envolve debates sobre a interpretação e a autoria dos textos. (N. do E.)

A segunda não se acomoda na segurança reta das linhas
Só pode ser encontrada na sinceridade do coração de quem os leu
Como a descoberta de um novo continente
Quando a nau avista a terra firme
Cada leitor, uma leitura
Uma casa, uma clareira, uma tradução

A terceira…
Ah… é a história d'Aquele Livro
Rabiscada à mão na folha de rosto
Sem tipografia
Só ele conta
Quem, um dia, o comprou
Quem fora presenteado
Quem o teria lido

São dedicatórias
As mais diversas
Votos de amor
Promessas e projetos
Caligrafias prenhes de esperança

Há, ainda, uma outra história
Que respira fora das páginas
Nômade e contingente
Não se comprova
Move-se onde não se vê

Como ele fora parar num sebo?

Teria sido por desapego
Como uma maneira de ser?
De sentir a vida circular?
Por altruísmo, como a vontade de compartilhar?
Seria só para libertá-lo, como uma energia que precisa pulsar?

Uma mudança que o deixou sem canto na estante?
Nem pedaço de prateleira ou espaço na cabeceira?
Alguma desventura como um rompimento?
Falecimento ou desilusão?
Teria sido perdido?
Ou o antigo dono passava por difícil situação?

E há a quinta história
Cujo prefácio é a escolha de um novo dono
A sorte lançada feito dados
Novos caminhos para sapatos experimentados e pés ancestrais
Uma janela para o mar

E assim os alfarrábios
Antigos escritos
Sempre contam novas histórias

É da sua existência
E da sua essência

Distúrbios de visão

Na miopia
Tudo era simples
Era uma lente só

Perto era perto
Longe era borrado
Porque dava saudade



Ayla Lima



Ayla Lima é professora de literatura no ensino médio e encontra na literatura brasileira uma paixão que atravessa a leitura e seu modo de olhar o mundo. Em sua escrita ficcional, investiga as experiências humanas, a memória e as contradições da existência, buscando nas palavras dar forma àquilo que atravessa as pessoas e que elas nem sempre sabem nomear.

A ordem das coisas

Como eram amigos, namoraram.

Como já eram namorados, noivaram.

E por já serem noivos, casaram.

Não sonhara com o casamento. Ele aconteceu.

A casa era organizada. Quadros alinhados no prumo. Plantas regadas às terças. Um silêncio limpo, sem eco, de coisas que não saem do lugar.

Eles sabiam viver juntos. Não havia grito, porta batida, louça acumulada na pia. Havia uma eficiência macia.

— Comprou o café?

— Comprei.

— Mudei a lâmpada do corredor.

— Obrigada.

Tudo funcionava.

Na cama, a intimidade tinha hora e geometria. O braço dele esticava-se no mesmo segundo. O corpo dela encaixava na curva da costela dele no mesmo ângulo. Dois beijos na cabeça. Um no canto do lábio, outro perto da testa. Sempre dois.

— Boa noite, amor.

— Boa noite.

Ele virava de lado. O sono dele vinha rápido, pesado, tranquilo.

Ela ficava. O lado dele da cama afundava o colchão. O calor dele subia.

Ela olhava o teto. Sem se mexer, para não quebrar o silêncio. Sem ter do que se queixar.

Segura.

Amada.

Sufocada no ar limpo.

Na terça, ele viajou a trabalho. Três dias fora.

Quando a porta da sala bateu e o barulho do elevador desceu, a casa não mudou de formato, mas o ar mudou de peso.

Ela sentou na ponta do sofá.

O silêncio entrou devagar.

Ninguém para perguntar o que tinha para o jantar. Ninguém para avisar da lâmpada do corredor. Ninguém para dar dois beijos ritmados antes de dormir.

Na primeira noite, dormiu na diagonal da cama.

Na segunda, jantou no sofá. Deixou o prato sobre a mesa de

centro. Não lavou a louça antes de dormir.

Depois abriu um livro.

Leu até tarde.

Quando sentiu sono, fechou o livro e deixou a luz acesa.

Na manhã seguinte, tomou café de pé, na cozinha. Bebeu água direto da garrafa. Voltou para a sala.

Passou algum tempo olhando pela janela.

Naquela noite, comeu sozinha outra vez.

Devagar.

Não ouvia o mastigar dele.

A casa parecia maior.

Na terceira noite, levou o livro para a cama. Deitou atravessada, uma perna para fora do lençol.

Leu.

Depois ficou olhando o teto.

Não sentiu falta dos dois beijos e percebeu que gostava do silêncio.

Na sexta-feira, a chave girou na fechadura. Duas voltas. A porta abriu. O barulho das rodinhas da mala no piso de madeira. Ele entrou cansado, mas sorriu. Soltou a mala na entrada, ajeitou a postura.

— Cheguei, amor. Que saudades!

O braço dele veio para o abraço.

O abraço morno, o cheiro de pescoço, o beijo no canto da boca.

O primeiro dos dois beijos.

Ela congelou.

A garganta fechou num nó seco, duro. O estômago deu uma volta em ânsia.

Ele sorriu.

Ela conhecia aquele sorriso.

Por um instante, sentiu saudade dele.

Foi isso que mais doeu.

Ele ia se aproximar outra vez.

Ela fechou os olhos por um segundo.

A casa estava exatamente como antes.

Ela não.

— Como foi a viagem?



Celuta Machado



Celuta Machado escreve com o propósito de manter o prumo diante do espírito do nosso tempo. Sua bússola são seus autores mais queridos.

A procissão

Abrem-se as janelas das casas. Os moradores aguardam pela procissão imersos em um silêncio quase sepulcral. Ao longe, o som seco e breve da matraca lembra a pregação na cruz. Agora já se ouvem os passos do coroinha, balançando o turíbulo de prata para cá e para lá, acompanhando o ritmo das preces murmuradas pelos fiéis. Eles sabem que somente com o auxílio da fumaça suas rezas e pedidos de absolvição encontrarão o caminho e subirão aos céus. Verônica, com seu canto pesaroso, se aproxima com o sudário em suas mãos, derramando tristeza e melancolia ao longo de todo o cortejo. Nossa Senhora, a mãe dolorosa, segue caminhando ao lado do esquife, enclausurada em meio a um roxo profundo que anuncia: é Sexta-feira Santa. É dia de procissão.

Nessa noite, o roxo se alia à paixão, tal como uma flor machucada de maracujá, que traz na tessitura de suas pétalas o decalque perfeito da coroa, dos cravos e das chagas de Cristo. Uma noite em que o roxo intenso toma conta dos céus. Pura presença que irrompe do olhar, do sentir e do suprir a lacuna entre a impulsividade do vermelho e a frialdade do azul. O roxo não promete potes de ouro nem sorte nem azar. Oscilante por natureza, pródigo em Mistérios, o roxo concilia oposições difíceis, unindo extremos — *assim na terra como no céu.* Noite em que a dor encontra a sua verdade e a sua consolação.

Para a criança, que espia a procissão pela janela, o que se desenrola à sua frente é algo denso e amedrontador. Na imagem vacilante e veloz de um piscar de olhos, a criança vislumbra, sem querer, um acontecimento para o qual ainda não tem palavras — apenas sente, apenas sofre: um atropelamento interior.

(Em sua memória, o roxo resplandece intacto e poderoso, revivendo a alma em pedaços de Maria e o corpo supliciado de Cristo. Sua família, ajoelhada na calçada, espera que Verônica lhes mostre bem perto dos olhos o rosto quase decomposto de Cristo. Da janela, a criança contempla o sudário. Instante de mudez em que vê a si mesma em comoção. Essa criança era eu.)

Danos da epifania

Risco iminente

Olhos azuis são sempre perturbadores, sua vocação marítima conduz a mergulhos profundos que nos deixam, quase sempre, sem saída. Às vezes, nos atraem como os mapas-múndi expostos na vitrine de um museu, despertando nosso espírito aventureiro e nos convidando a grandes navegações. Aceitamos sem hesitar mesmo sabendo que o naufrágio é quase certo. Com sorte, encontraremos fronteiras remotas, continentes perdidos, civilizações desaparecidas — enfim, o deslumbramento da solidão.

Perdas

Perdas são como vaga-lumes, auroras boreais e o elemento rádio. Brilham, assombram e desaparecem. Sua luminescência congênita é simplesmente uma reação ao que acontece ao seu redor. Sendo mais exata: perdas, vaga-lumes, auroras boreais e o elemento rádio iluminam intransitivamente.

Perdas não aceitam limites, invadem fronteiras e gostam de se misturar com tudo o que há na vida: amores, prazeres, felicidade, dores, vícios, tormentas. Perdas são o sinal de um futuro abortado, cuja memória sobrevive em nosso tempo pretérito: *eu seria, eu teria sido, se eu tivesse sido.* São tremores que nos invadem de forma arrebatadora e suave, como a voz de Isabella Rossellini em *Blue Velvet*: acontecimento que não se repetirá jamais.

É nesse mundo pretérito que o nosso amor mais verdadeiro e a nossa dor indecifrável sobrevivem e nos completam. Perdas são sempre como nunca mais.



César Alexandre da Silva Aprile

César Alexandre da Silva Aprile é historiador, professor, escritor e pesquisador independente. Dedica-se à literatura, à história e à investigação das relações entre memória, sociedade e experiência humana. É autor de livros e textos publicados em diferentes espaços editoriais.



O que resta depois do nome

Marina Setubal aprendera, nos últimos onze meses, que o luto não é um rio que se atravessa, mas uma casa em que se passa a morar. E a casa, no caso dela, ficava de verdade na rua Presidente Harding, no fim de Pulaski, Tennessee, um retângulo de tijolos brancos entre um carvalho já seco e uma cerca que ninguém mais se dava ao trabalho de pintar.

Todas as manhãs eram iguais, e era essa igualdade que a sustentava. Ela descia a escada, punha a chaleira no fogo, e Otto, um lulu-da-pomerânia cor de mel, gordo de velhice e de carinho, já esperava junto à porta, como se ainda acreditasse que alguém fosse chegar em vez de sair.

Otto tinha sido de Henrique van Astrea, como o próprio Henrique gostava de assinar, com um orgulho quase infantil por aquele sobrenome que soava a nobreza decaída e não passava, segundo ele mesmo admitia rindo, de uma bisavó romena que inventara a partícula "van" para impressionar um funcionário de cartório em Nova York, no início do século.

— *Você lê tanto sobre o sentido da vida* — ele dizia, apontando para as pilhas de livros na mesinha — *e não percebe que ele está ali, latindo baixinho, esperando que alguém abaixe para fazer carinho.*

Marina nunca soubera responder a essas frases enquanto ele estava vivo. Agora, sozinha na cozinha, com o vapor da chaleira embaçando a janela e a rua Presidente Harding ainda escura lá fora, ela as repetia como quem reza uma oração de cujo sentido já não se lembra bem, só do ritmo.

O dia seguia o mesmo roteiro de sempre: o trabalho na biblioteca do condado, o sanduíche comido sozinha, a caminhada com Otto até o fim do quarteirão e de volta, sempre pela mesma calçada rachada, sempre parando no mesmo poste onde ele farejava algo que só ele conseguia sentir. À noite, o computador aberto na mesa da sala, e o ritual secreto que ela não confessava nem a si mesma: abrir o navegador e googlar o nome dele.

Henrique van Astrea. Era só isso que digitava, sempre esperando, sem saber bem por quê, que a internet

tivesse mudado de ideia desde a última vez, que devolvesse algo novo, algo que ainda não tivesse sido visto e gasto de tanto olhar. Mas o que vinha era sempre o mesmo punhado de resquícios: um artigo acadêmico de 2009 sobre irrigação agrícola, assinado com um coautor cujo nome ela já nem lembrava; uma foto antiga, marcada por outra pessoa, num evento da universidade, onde ele aparecia ao fundo, desfocado, rindo de algo que a fotografia não registrava; e, por fim, as três linhas secas do obituário do jornal local, publicado num domingo de novembro, que resumiam trinta e nove anos de existência a um parágrafo de agradecimentos.

Era estranho pensar que o nome de um homem pudesse sobreviver a ele daquela forma, não como memória, mas como informação. O Google guardava o eco, nunca a voz. Guardava a sombra na parede, nunca quem projetara a sombra. E Marina se perguntava, fechando o *laptop* devagar, se não era exatamente esse o destino de todo mundo: virar, um dia, apenas um resultado de busca, um resquício indexado, uma poeira digital que alguém, em algum lugar, ainda teria a bondade de procurar.

— *Você acha que ele ainda existe, Otto?* — perguntou ela, baixinho, numa madrugada qualquer, sentada no chão da sala, com o cachorro deitado sobre os pés dela como um peso morno contra o frio existencial da pergunta.

Otto ergueu as orelhas, olhou para ela com aqueles olhos redondos e opacos que os cães têm quando pressentem tristeza sem entender sua origem, e voltou a deitar a cabeça, sem resposta, porque não havia resposta, e talvez fosse essa a única honestidade possível diante da pergunta.

Na tarde seguinte, a vizinha da casa ao lado, dona Louise, parou o carro na frente do jardim seco e baixou o vidro.

— *Ainda sente falta dele, não é?* — perguntou, com aquela delicadeza calculada de quem teme mais a resposta do que a própria pergunta.

— *Sinto falta de tudo* — respondeu Marina, ajeitando a coleira de Otto — *menos da certeza que eu tinha antes.*

Louise sorriu sem entender de todo, deu partida no carro e seguiu pela rua Presidente Harding, que continuaria existindo, com seu asfalto remendado e seus postes de luz amarelada, fosse quem fosse que morresse ou permanecesse nela. As

ruas não fazem luto. Só as casas fazem, e ainda assim por pouco tempo, até que alguém as venda, as pinte de outra cor, as habite com outro nome.

Marina pensava, enquanto caminhava com Otto puxando de leve a guia rumo ao poste de sempre, que talvez essa fosse a única forma de eternidade disponível a alguém: não a alma, não o paraíso, não os livros nem os artigos acadêmicos sobre irrigação agrícola, mas um cachorro pequeno que ainda esperava junto à porta, uma rua que ainda tinha um nome, e um resultado de busca que, se alguém quisesse, ainda podia encontrar.

Era pouco. Mas, naquele fim de tarde em Pulaski, com o sol descendo atrás dos telhados baixos e Otto parando, uma última vez, para farejar o ar frio de setembro, era o suficiente para que Marina Setubal continuasse, não porque tivesse encontrado sentido, mas porque, como Henrique dizia, o sentido nunca estivera nos livros. Estava ali, latindo baixinho, esperando apenas que alguém se abaixasse.



Débora Camila Brasil

Débora Camila Brasil nasceu em Belém (PA) e cresceu em Brasília (DF). Servidora pública federal, escritora e tarótloga, integra coletivos literários e revistas digitais. Em 2026, participa de mais de 150 antologias e lançou seu livro *Geografias do invisível* (UICLAP).



O que sobra depois do filme

Saí do cinema antes de o filme terminar dentro de mim.

Algumas histórias acabam quando sobem os créditos. Outras nos acompanham até a rua, entram no carro, sentam-se ao nosso lado e permanecem acordadas quando chegamos em casa.

Foi assim com *Hamnet: A Vida Antes de Hamlet.*

Eu conhecia Shakespeare antes de conhecer Hamnet. Conhecia o príncipe, o fantasma, a vingança, o famoso "ser ou não ser". Conhecia a obra como quem conhece uma casa pela fachada.

O filme me mostrou a porta dos fundos.

Antes de Hamlet existir, existiu um menino. Antes do personagem, houve uma ausência.

Shakespeare perdeu um filho.

Aos seis anos, eu perdi minha avó materna. Não me lembro de tudo daquele tempo. A infância guarda algumas coisas e apaga outras com uma crueldade que só entendemos depois.

Mas me lembro de uma árvore. Era frondosa. Grande o bastante para fazer sombra sobre o lugar onde minha avó foi sepultada.

É estranho o que a memória escolhe preservar.

Eu não saberia reconstruir o rosto de todos que estavam ali. Não conseguiria repetir as palavras ditas naquele dia, nem ordenar corretamente as imagens.

Mas consigo ver a árvore.

As folhas.

A sombra.

O chão.

Naquela idade, eu não compreendia o que era morrer. Percebia o lugar que ela já não ocupava. Uma cadeira permanecia vazia. Uma voz desaparecera da casa.

Foi pensando nisso que entendi Hamnet de outra maneira.

Não era apenas Shakespeare.

Era um pai.

Era uma mãe.

Era uma família tentando sobreviver ao absurdo de continuar vivendo quando alguém já não pode estar junto.

Enquanto assistia, pensei em como algumas histórias nascem

justamente do que não conseguimos dizer.

Por isso escrevemos.

Quando não podemos trazer alguém de volta, inventamos outra maneira de fazê-lo permanecer.

Uma palavra.

Uma personagem.

Um rosto iluminado na tela.

O cinema tem esse poder estranho: às vezes, devolve forma ao que a vida deixou sem contorno.

A tela acende, a sala escurece. E, por algumas horas, acreditamos que aquelas pessoas existem apenas ali.

Até que alguma coisa acontece. Reconhecemos nelas alguém que fomos. Ou alguém que perdemos. Ou aquilo que ainda temos medo de perder.

Foi o que senti diante da história de Hamnet.

Shakespeare talvez tenha transformado uma ausência em literatura.

Eu, aos seis anos, não sabia fazer isso. Só sabia olhar para uma árvore.

Talvez a memória escreva antes de aprendermos a escrever. Guarda imagens sem nos pedir licença. E, anos depois, quando menos esperamos, devolve tudo de uma vez.

Foi o que o filme fez comigo.

Quando saí do cinema, a cidade estava como sempre: carros passando, luzes acesas, gente apressada. Ninguém parecia saber que, naquela sala escura, uma mãe acabara de perder um filho morto há séculos. E que eu carregava comigo uma perda muito mais antiga do que aquela sessão de cinema.

Uma árvore.

A sombra de uma árvore.

Minha avó enterrada debaixo dela.

Por alguns minutos, não soube mais onde terminava o filme e começava a minha memória.

Naquela noite, levei Shakespeare para casa. O homem, com sua ausência.

Minha avó também veio comigo. Não consegui recuperar sua voz, mas a sombra daquela árvore atravessou a cidade ao meu lado.

Algumas perdas mudam de forma.

Viram livro.

Viram filme.

E algumas ficam onde a infância as deixou:

debaixo de uma árvore.



Estela Reis



Estela Reis é uma escritora paranaense cuja escrita transita entre poesia, conto e crônica, explorando temas como memória, ancestralidade, passagem do tempo e as dimensões simbólicas da experiência humana.

Entre margens

Choveu durante quarenta dias, mas ninguém soube dizer em que momento a chuva deixou de ser chuva e passou a ser outra coisa, porque, no começo, ainda havia quem se levantasse pela manhã para conferir o céu, quem calculasse pelo calendário quantos dias faltavam para o sol reaparecer e quem dissesse, enquanto fechava a janela, que aquilo logo passaria, como passam as febres, os maus presságios e as pequenas desgraças que costumam visitar uma cidade sem intenção de permanecer.

A menina morava com o pai numa casa de madeira erguida tão perto do Iguaçu que, nas manhãs de neblina, ela tinha a impressão de que o rio havia atravessado a noite e se deitado diante da janela para dormir. O pai conhecia os humores da água e sabia, pela cor que ela trazia das terras mais acima, se o rio vinha manso ou carregado de alguma coisa que ainda não podia ser vista; ensinara à filha que o Iguaçu não era um risco azul desenhado nos mapas, mas uma força antiga que atravessava a cidade muito antes de as casas, as ruas, as igrejas e os homens terem decidido chamar aquele lugar de seu.

— Não se brinca com rio — dizia.

E, quando ela perguntava por quê, ele respondia:

— Porque ele não brinca com ninguém.

Na primeira semana, a chuva apenas molhou os telhados. Na segunda, encharcou os quintais. Na terceira, o Iguaçu começou a subir pelas margens com uma paciência que assustava mais do que qualquer violência, porque havia alguma coisa terrível na maneira como a água avançava sem pressa, ocupando primeiro as partes baixas, depois os caminhos, depois as hortas, como se conhecesse de antemão cada lugar onde pisaria. Na quarta semana, a ponte foi interditada. Depois a estrada.

Quando a luz acabou, a cidade percebeu que havia perdido mais do que a eletricidade: perdera a ilusão de que ainda estava ligada ao resto do mundo. Era a década de oitenta e não havia internet para trazer notícias de longe nem telefone celular para chamar alguém no meio da noite;

havia apenas rádios que começaram a falhar, pilhas que se tornaram mais valiosas do que dinheiro e pessoas atravessando ruas transformadas em correntezas para perguntar aos vizinhos se tinham visto alguém, se ainda havia pão, se a farmácia guardava algum remédio, se a ponte continuava de pé, se a chuva realmente terminaria um dia. Mas a chuva não terminava.

As casas começaram a abrir as portas. Primeiro para os parentes, depois para os conhecidos, depois para os desconhecidos. Uma família que possuía a maior casa da cidade retirou os móveis do andar de baixo e acomodou seis pessoas que nunca havia recebido à mesa; uma mulher que dormia com três filhos numa sala emprestada entregou sua cama a uma velha que chegara tremendo de frio; uma criança guardou metade do último pedaço de pão para dividir com um cachorro que aparecera diante da porta, e ninguém teve coragem de dizer a ela que aquele pão talvez fosse necessário no dia seguinte.

Mas a água também fazia emergir outras coisas. Uma família conhecida por frequentar a igreja todas as manhãs escondia sacos de farinha no quarto dos fundos enquanto dizia aos vizinhos que não tinha mais nada; um homem entrou na farmácia arrombada e levou remédios que depois vendeu por três vezes o preço; alguém denunciou um vizinho por esconder mantimentos; outro abandonou um animal preso num galpão.

A enchente não transformava ninguém em santo ou demônio. Apenas tirava as paredes. E, quando as paredes caíam, aparecia o que cada um havia construído por dentro. A menina observava tudo com o assombro silencioso de quem ainda não compreendia completamente o mundo, mas já percebia que os adultos podiam ser muito mais misteriosos do que os rios.

O pai, quando conseguia, saía para ajudar a retirar pessoas das casas. Às vezes voltava com desconhecidos ou com animais. Às vezes apenas com o rosto molhado e as mãos vazias. Foi durante aqueles dias que a menina conheceu o velho das velas.

Ele já era antigo quando ela nasceu, tão antigo que ninguém sabia dizer sua idade com precisão, e havia quem jurasse que ele conhecia o Iguaçu melhor do que conhecia a própria família. Quando alguém desaparecia na água, enquanto os homens se espalhavam pelas margens e

os barcos procuravam entre galhos e troncos, o velho aparecia carregando um prato branco. Fazia uma oração e acendia uma vela. Colocava-a no prato e, com as duas mãos, empurrava o pequeno barco improvisado para dentro do rio. Depois esperava.

A cidade inteira conhecia aquele ritual. Uns acreditavam, outros diziam que era superstição. Havia os que riam quando o velho não estava olhando e os que, mesmo sem admitir, acompanhavam a vela com os olhos até ela desaparecer na curva do rio. A menina não ria. Para ela, havia qualquer coisa de sagrado naquela pequena chama que enfrentava o Iguaçu sem jamais parecer desafiá-lo.

A vela seguia a correnteza. Às vezes girava, quase apagava. Às vezes ficava presa por alguns segundos entre folhas e galhos. Então, em determinado ponto, parava. E os homens procuravam e quase sempre encontravam.

Foi assim com um homem que desapareceu ao tentar salvar os porcos; com um rapaz que não conhecia a força da correnteza e com um corpo que apareceu dias depois, preso às raízes de uma árvore.

O velho nunca dizia que a vela mostrava onde estava um morto. Dizia apenas:

— O rio sabe.

A menina gostava daquela resposta porque ela parecia conter uma verdade grande demais para caber numa explicação. O rio sabia. Sabia das casas que havia tomado, das árvores arrancadas, dos animais que passavam boiando, inchados pela morte, dos móveis que agora viajavam para longe, das fotografias que se desfaziam sob a água, das alianças perdidas, das roupas, das bonecas, dos documentos, das cartas que ninguém mais conseguiria ler.

Sabia também dos mortos e dos vivos. Talvez principalmente dos vivos. Foi então que desapareceu a moça da casa baixa.

A menina a conhecia de vista, como se conhecem as pessoas que vivem na mesma cidade pequena e, ainda assim, permanecem quase desconhecidas: sabia seu rosto, o modo como caminhava olhando para o chão, a voz que às vezes se ouvia falando sozinha, e sabia que estava grávida porque os adultos comentavam quando acreditavam que nenhuma criança estava por perto. Diziam que ela não era como as outras, que não

tinha juízo. Diziam muitas coisas, mas ninguém dizia que a verdade era que ela havia sido violentada. Ou, se dizia, fazia isso em voz baixa, como se a culpa pudesse ouvir.

A menina não entendia por que uma criança ainda não nascida podia carregar no corpo a violência cometida por outro homem e por que alguns adultos olhavam para a barriga da moça com piedade e outros com reprovação.

Na noite em que a moça entrou em trabalho de parto, a chuva caiu com uma força que fez o telhado da casa da menina estremecer durante horas, e o Iguaçu, já enorme, avançava sobre as margens com aquela majestade terrível dos seres que não precisam de pressa porque sabem que, mais cedo ou mais tarde, tudo aquilo que encontram pela frente acabará cedendo.

A moça começou a gritar. Alguém ouviu e foi chamar ajuda. Mas as ruas estavam tomadas pela água, a ponte permanecia fechada, os telefones não funcionavam e a cidade, que durante quarenta dias aprendera a conviver com a impossibilidade, naquela noite descobriu uma impossibilidade maior: havia sofrimentos para os quais nenhuma porta conseguia chegar a tempo.

Pouco antes da madrugada, a moça saiu de casa. Ninguém sabe exatamente o que aconteceu depois. Alguns disseram que ela caminhou até o rio. Houve quem afirmasse que ela chamava pela mãe. A verdade ficou enterrada naquela noite de chuva, como tantas verdades ficam quando ninguém consegue chegar a tempo para testemunhá-las.

Na manhã seguinte, encontraram seu corpo mais abaixo. A criança estava morta com metade do corpo ainda dentro da mãe. Durante horas, ninguém falou. Quando falaram, cada um escolheu uma explicação que pudesse suportar. Uns disseram que a moça era doente, enquanto outros, que aquilo acontecera porque ela não tinha Deus no coração. Alguns culparam a família, a chuva, o próprio rio. Enquanto isso, o padre rezou, as mulheres choraram, os homens cavaram e o Iguaçu continuou passando.

Foi a primeira vez que a menina compreendeu que o rio podia parecer indiferente sem ser cruel, porque a crueldade pertencia aos homens, enquanto a água apenas obedecia à sua própria natureza, descendo das terras altas, engrossando com os afluentes,

carregando o que encontrava e seguindo adiante, sem perguntar quem merecia ser salvo e quem merecia desaparecer.

No quadragésimo dia, a chuva cessou. Não houve milagre nem clarão no céu. Apenas uma manhã em que a água deixou de cair, e a cidade, depois de quarenta dias olhando para cima, teve coragem de olhar para baixo.

O que encontrou foi um mundo desfeito. As ruas estavam cobertas de lama. As casas perderam portas, paredes, móveis e fotografias. A ponte continuava interditada, o comércio estava vazio e os telefones permaneciam mudos.

Havia animais desaparecidos, plantações destruídas, famílias que já não tinham casa e famílias que, depois de quarenta dias dividindo o mesmo teto, já não sabiam mais exatamente quem era hóspede e quem era vizinho.

A água começava a recuar, mas ninguém se iludia. O Iguaçu não parecia derrotado, ao contrário, imenso, barrento e silencioso, ele ocupava ainda uma extensão que a menina jamais havia visto, carregando árvores inteiras, telhas, galhos, animais mortos e pequenos objetos arrancados de vidas que, até pouco tempo antes, pareciam firmemente presas ao chão.

O pai levou a menina até a margem.

— Ele vai voltar ao tamanho de antes? — perguntou.

O pai demorou a responder.

— Um dia.

— E vai esquecer?

O pai olhou para o rio. Depois para a cidade.

— Rio não esquece.

Naquele instante, a menina compreendeu que talvez aquela fosse a verdadeira força do Iguaçu: não apenas a capacidade de arrancar pontes, invadir casas, derrubar árvores e carregar homens e animais em sua correnteza, mas a de atravessar tudo sem precisar guardar nada nas mãos, levando consigo o que os homens perdiam e devolvendo, quando queria, aquilo que já julgavam desaparecido.

Durante quarenta dias, o rio havia entrado na cidade. Entrara pelas portas, pelos quintais, pelas igrejas, pelas cozinhas, pelos quartos onde famílias inteiras dormiam apertadas; entrara nas despensas dos avarentos e nas mesas dos generosos, nas casas dos ricos e dos pobres, nos esconderijos onde alguns guardavam comida

e naquelas onde outros ofereciam a última cama.

E, quando recuou, deixou as casas quase vazias, mas deixou os homens cheios de coisas que já não podiam esconder.

A menina olhou uma última vez para o Iguaçu. Na superfície escura, um prato branco apareceu por um instante, carregado pela correnteza, e ela pensou que fosse o velho fazendo mais uma oração, até perceber que não havia vela alguma sobre ele. Mesmo assim, o prato continuou seguindo rio abaixo. Ela ficou olhando enquanto ele diminuía de tamanho, levado pela força da água, até desaparecer muito além da curva.

Anos mais tarde, quando já não era criança e a enchente havia se tornado uma história contada de diferentes maneiras por pessoas que juravam lembrar de coisas que talvez nunca tivessem acontecido exatamente assim, ela ainda se lembraria daqueles quarenta dias como se o tempo tivesse sido feito de água. Lembraria do pai, do velho, dos animais inchados passando silenciosamente diante de seus olhos. Da moça que entrou no rio carregando no ventre uma vida que nascera de uma violência, e que o Iguaçu recebeu sem perguntar de onde vinha a culpa.

E entenderia, finalmente, que talvez os rios sejam as maiores testemunhas porque não precisam escolher um lado.

Eles veem o homem que salva e o homem que abandona, a mulher que oferece sua cama e a família que esconde o pão, aquele que reza pelo morto e aquele que lucra com a fome, e carregam todos na mesma água, sem absolver ninguém e sem condenar ninguém, porque a justiça dos rios não se parece com a dos homens.

O Iguaçu continuou passando. Passou por aquela cidade, depois por outras, levando consigo árvores, peixes, casas, barcos, corpos, cinzas, histórias e tudo aquilo que o mundo, cedo ou tarde, entrega à correnteza. E talvez fosse essa a sua grandeza.

O homem constrói pontes para atravessá-lo, ergue casas para esquecê-lo, inventa nomes para tentar contê-lo. Mas o rio não precisa de nome, nem de ponte, nem de memória. Ele é a própria memória em movimento. E tudo o que um dia tocou suas águas continua, de alguma maneira, viajando dentro delas.

Quando se vê...

Há histórias que a escola registra com cuidado e outras que acontecem justamente onde os registros não alcançam: numa conversa no corredor, num abraço inesperado, na escolha aparentemente banal de um poema.

Eu era professora de Língua Portuguesa de uma turma de Ensino Médio, formada por adolescentes de quatorze e quinze anos, e naquele período trabalhávamos o gênero poema. Propus uma atividade simples: cada aluno deveria escolher um poema, apresentá-lo à turma e explicar por que havia escolhido justamente aquele.

Uma das alunas escolheu "*O Tempo*", de Mário Quintana.

Ainda consigo lembrar-me dela diante da turma, falando sobre o poema com uma delicadeza que me chamou a atenção. Havia naquela menina de quatorze anos uma compreensão da passagem do tempo que parecia maior do que aquilo que normalmente esperamos de alguém tão jovem. Ela falou sobre a brevidade da vida, sobre a maneira como os dias passam enquanto estamos ocupados demais fazendo planos, sobre a tendência que temos de imaginar que sempre haverá uma outra oportunidade para dizer alguma coisa, visitar alguém ou simplesmente estar presente.

A aula terminou, os alunos guardaram os cadernos e a sala foi se esvaziando, entre conversas, mochilas fechadas e a pressa de chegar em casa. Eu também me preparava para sair quando ela se aproximou.

Ela me abraçou. Depois do afago, perguntou se eu sabia que ela gostava muito de mim. Eu sorri, agradeci e disse que também gostava muito dela, aproveitando para elogiá-la novamente pela apresentação e pela maneira sensível como havia falado sobre o poema.

Na saída, ela desceu as escadas sorrindo para mim e levava nas mãos uma rosa que havia ganhado. Antes de irmos embora, contou que seu aniversário de quinze anos seria no dia seguinte, um sábado. Eu a felicitei, desejei que tivesse um dia bonito e que aproveitasse muito aquela idade

tão esperada. Então nos despedimos, cada uma seguindo seu caminho.

No sábado, porém, a notícia chegou. Ela havia sofrido um acidente de trânsito. Ela havia morrido.

Ainda hoje me lembro mais da incredulidade do que de qualquer outra coisa.

Na segunda-feira, quando voltei à escola, tudo parecia igual e irreconhecível ao mesmo tempo. O sinal tocava, os alunos chegavam, professores caminhavam pelos corredores, e eu tinha a sensação de que havia alguma coisa faltando. Foi a primeira vez que compreendi o que significa uma cadeira vazia numa sala de aula.

Lembro-me de pensar que ela deveria estar comemorando, recebendo mensagens e soprando as velas de um bolo de quinze anos. Em vez disso, nós estávamos tentando aprender a pronunciar sua ausência.

Ainda assim, a notícia não parecia caber na imagem que eu guardava dela. A menina que havia descido aquelas escadas sorrindo, com uma rosa nas mãos, não podia simplesmente ter deixado de existir.

Meu pensamento voltava insistentemente àquela noite, como quem procura um erro numa frase, mas não havia engano. O abraço deixou de ser apenas um abraço; a rosa deixou de ser apenas uma flor; a despedida deixou de ser apenas uma despedida.

E então, havia o poema: "*O Tempo*", de Mário Quintana. Ela o escolhera, o apresentara e falara sobre ele diante de nós. E agora eu não conseguia mais lê-lo sem ouvir sua voz.

Foi então que a expressão "quando se vê" ganhou para mim uma força nova. Quando se vê, o dia passou, a semana terminou, alguém que estava ao nosso lado já se transformou em lembrança. Depois disso, o poema passou a me acompanhar de outra maneira. Não era mais apenas literatura. Tinha rosto, voz, idade. Tinha quatorze anos e faria quinze no dia seguinte.

Certamente aquela experiência mudou também a maneira como compreendo meu trabalho. Um professor costuma imaginar que sua tarefa é transmitir conhecimentos para o futuro, mas nem sempre percebe que o valor de uma aula pode estar numa palavra, num olhar atento, numa escuta ou na sensação de ter sido reconhecido.

A escola guarda o que pode ser registrado. Havia um diário de classe, uma atividade, uma lista com os nomes dos alunos e suas apresentações.

Mas nenhum desses registros diria que aquela menina escolheu Quintana, que falou sobre o tempo diante da turma, que depois abraçou a professora e perguntou se ela sabia que era querida, que desceu as escadas sorrindo com uma rosa nas mãos e contou, feliz, que no outro dia seria seu aniversário.

Eu me esqueci de muitas aulas que dei. Não lembro exatamente quais exercícios apliquei, quais páginas usamos, quais foram as respostas de determinadas provas. Mas nunca me esqueci daquela apresentação, daquele abraço, daquela rosa, daquela escada ou do poema.

Hoje, quando releio Quintana, encontro também aquela aluna, como se a literatura tivesse guardado para mim aquilo que a realidade não pôde conservar. Vivemos como se as pessoas fossem permanecer, como se houvesse sempre uma próxima aula, um próximo sábado, um próximo aniversário, uma próxima oportunidade para dizer aquilo que sentimos. Acreditamos no amanhã com tanta naturalidade que raramente percebemos o privilégio que existe em simplesmente poder pronunciá-lo.

Talvez seja essa a lição que ela, sem saber, deixou. Há coisas que não cabem em diários, listas ou documentos. Há despedidas que parecem pequenas porque ainda não sabemos que são despedidas. E há poemas que, depois de uma vida interrompida, deixam de ser apenas poemas.

Quando se vê, o tempo passou e alguém ficou para sempre dentro de um verso.



Farlley Derze



Farlley Derze é pós-doutor em Estética, Semiótica e Hermenêutica, pianista premiado em Dubai e membro da Academia de Letras e Música do Brasil (ALMUB). Com nome consagrado no *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*, sua produção transita entre a composição musical e a escrita literária, explorando as sutilezas da existência. Atualmente, é Curador de Estudos Literários da *Proust Magazine*.

Carta ao meu eu jovem de 18 anos

Brasília, 12 de outubro de 2026.

Olá, rapaz. Olá, Farlley, aos 18 anos.

Hoje é Dia da Criança. Que tempo bom, quando éramos crianças: aprendemos a ler, aprendemos a tabuada, aprendemos a brincar. O tempo passa. É assim com todo mundo. Você está com 18 anos, já é um rapaz. Como vai o alistamento no Exército? Você está cheio de dúvidas, não é? Confie em mim: esse caminho abrirá portas que você ainda não imagina. Lembre-se de que, aos cinco anos, você começou a estudar música. Aos quinze, começou a escrever poemas. Não abandone essas duas companhias. Elas atravessarão sua vida, mesmo quando o trabalho e as obrigações parecerem ocupar todo o espaço. Você vai servir no Exército; aos vinte, ingressará na carreira militar da Força Aérea Brasileira. Seu vizinho Elson Campos, que já é militar, o ajudará a encontrar o caminho. Antes disso, apenas um conselho: seja um pouco mais discreto nos olhares para a filha dele. O irmão dela, seu amigo Elson Campos Filho, já percebeu tudo. Não precisa abandonar o entusiasmo da juventude; convém apenas aprender a dosá-lo.

Quando você ingressar na escola de formação profissional da Força Aérea Brasileira, em Guaratinguetá, no Vale do Paraíba, enfrentará manhãs frias, neblina e provas exigentes. Estude com dedicação: alguns colegas não conseguirão concluir o curso. Haverá também uma experiência brutal: o suicídio de um colega ao seu lado no estande de tiro. Você está cursando enfermagem. Terá de encarar a morte de perto e participará da necrópsia. Faça o que precisa ser feito e, antes de dormir, lembre-se da família daquele rapaz. A competência profissional não elimina a dor, mas ajuda a não fugir dela.

Nem tudo será difícil. Você saltará de paraquedas e guardará essa lembrança para sempre. Após formado como sargento enfermeiro da Aeronáutica, trabalhará na Casa Gerontológica, no Rio de Janeiro, cuidando de idosos e ouvindo suas histórias. Sem saber, começará ali a

aprender algo que os livros não ensinam: cada pessoa carrega um mundo inteiro. Os anos passarão, e a vida profissional dividirá espaço com outra paixão: a música. Mas a juventude ainda lhe reservará experiências que testarão sua confiança, sua prudência e sua sorte.

Você aprenderá uma lição amarga em 1985: não empreste sua moto a um sujeito que aparece enquanto você toca teclado num bar do subúrbio. Ele ficará com ela, e você voltará de ônibus para casa, de madrugada. A confiança traída dói mais do que o prejuízo. Não deixe, porém, que um episódio assim transforme seus ideais em amargura. Você tem um Maverick na garagem, com motor forte, rádio alto e estrada aberta. Vai dirigi-lo como se o asfalto não tivesse limites. Infelizmente, o Maverick virará sucata depois que você capotar na Avenida Ayrton Senna, a duzentos quilômetros por hora. O carro rodopiará e terminará de cabeça para baixo num matagal, com as rodas ainda girando. Você sairá vivo. Se eu pudesse, te pediria para não acelerar, mas não quero arriscar violar o *continuum* espaço-tempo, não é mesmo?

Em 1986, você ingressará na faculdade de música e conhecerá Luiz Alberto de Filippo, mineiro que estará no Rio para estudar canto. Juntos, criarão o *Metabolar*, um trabalho autoral que mistura música, literatura e teatro. Vocês serão convidados para uma entrevista no programa do Jô Soares.

Nos anos 1990, você conhecerá a mulher com quem dividirá a vida. Vocês se encontrarão no Teatro Café Pequeno, no Leblon: você ao piano, ela na iluminação cênica da peça teatral em que trabalharão. Você ainda não acredita em amor à primeira vista. Não até vê-la. Você sempre foi prudente nas relações humanas, mas será imprudente (ousado, eu diria) no episódio da bolsa. Você não tirará os olhos da moça. Escreverá um poema enquanto a observa. Perceberá quando ela for ao camarim. Você irá até a cabine de luz. Eu sei, você quer fazer um gesto romântico. Notará que ela deixou a bolsa aberta. Não faça isso, rapaz! Se eu pudesse avisá-lo. Mesmo assim, você colocará na bolsa dela o papel dobrado, com o poema assinado. Ela ficará furiosa quando voltar à cabine, pensando que você mexeu em seus pertences. Por isso, recusará seus convites para tomar café em Ipanema. Mas há um detalhe que você não saberá interpretar

naquele momento: ela guardará o poema. A história não se resolverá de imediato, mas vocês se casarão e terão dois filhos.

Quase trinta anos depois, enquanto escrevo esta carta em Brasília, ela está ao meu lado, escrevendo um artigo sobre iluminação cênica e arquitetural para uma revista de São Paulo. Nossos filhos têm 28 anos. Portanto, não desista diante de tantas recusas, aguente firme a bronca no episódio da bolsa e o tempo cuidará do restante.

Você enfrentará muitas injustiças, conhecerá colegas que parecerão leais e depois o trairão. Não entregue sua confiança a todos, mas não permita que os desleais definam o que você pensa das pessoas. Na vida haverá experiências ruins e outras que lhe darão alegria e boas gargalhadas. Aprenda a reconhecer a diferença.

Em julho de 2000, você gravará seu primeiro disco com composições próprias. Um técnico de estúdio telefonará, dirá que é fã do seu trabalho e se oferecerá para gravar o disco sem cobrar nada. Desejará apenas ter o orgulho de participar daquele primeiro álbum. O disco ficará lindo. Hoje, suas músicas estão nas plataformas de *streaming*, que nem existiam quando a gravação foi feita. Lembre-se desse gesto: alguém acreditou no seu trabalho antes que você pudesse pagar por ele.

Em Brasília, você conhecerá Antenor Bogéa, um diplomata e cantor. Ele se tornará um dos seus melhores amigos. Vocês gravarão um disco em Atenas, e ele o convidará para representar o Brasil num festival internacional de jazz em Cabo Verde. Virão viagens pela Espanha, pela França, por Chipre e por várias cidades brasileiras. A amizade, quando é verdadeira, alarga o mapa do mundo.

Em 21 de fevereiro de 2013, sua aposentadoria será publicada no boletim da Força Aérea. Você terá mantido a carreira de enfermeiro sem abandonar os shows noturnos, apesar das oportunidades e tentações de viver apenas da música. Essa decisão lhe dará a segurança da aposentadoria e a liberdade para continuar compondo, escrevendo poemas e acompanhando a realização dos sonhos de sua esposa e de seus filhos. Depois, você e sua amada vão morar em Madri e Miami Beach. Farão também uma viagem de carro por 26 estados dos Estados Unidos, do Atlântico ao Pacífico. Você viverá temporadas no Chipre, em Atenas,

Paris, Bangladesh e Dubai, onde trabalhará por um ano e meio como pianista e receberá um prêmio de "Melhor Música ao Vivo de Dubai". Mamãe costumava dizer: "O que é do homem, o bicho não come". A vida, às vezes, confirma a sabedoria simples das mães.

Você publicará livros. Seu nome será incluído no *Dicionário Cravo Albin da música popular brasileira*, obra de referência dedicada à memória da MPB. Você concluirá o doutorado, realizará um pós-doutorado e continuará resolvendo quebra-cabeças de xadrez (de vez em quando, pedindo ajuda aos filhos). Ao olhar no espelho, verá cabelos grisalhos e rugas. Terá preservado amizades da adolescência: Elson, João, S. Costa. Eles também estarão grisalhos, e vocês continuarão unidos. Nem todos recebem esse presente.

Jovem Farlley, obrigado por ter persistido, por manter o emprego na Aeronáutica enquanto tocava à noite para ganhar um dinheiro extra, por escrever poemas para dialogar com a existência e por não abandonar a curiosidade. A vida não será justa o tempo todo, e você cometerá erros que hoje eu gostaria de evitar. Ainda assim, não trocaria a jornada inteira por uma versão sem riscos, porque nela também estão os amigos, o amor, os filhos, a arte e a possibilidade de recomeçar. Aliás, você continuará conhecendo pessoas, integrará um grupo dedicado à escrita e, um dia, fará parte do conselho editorial de uma revista chamada *Proust Magazine*.

No fim, é isso: do serviço militar ao pijama favorito da aposentadoria; das madrugadas como músico às manhãs como enfermeiro; do subúrbio a Dubai. Haverá buracos na estrada, mas você aprenderá a atravessá-los. Você está começando a vida aí onde está; olho para trás, aos 63 anos, e reconheço o caminho que percorremos. Não permita que os pessimistas o convençam a desistir. Continue sendo você. Sou a prova de que valeu a pena seguir em frente.

Obrigado por me ajudar a chegar até aqui.

P.S. O Fluminense será campeão da Taça Libertadores em 2023.



Isabela Silva

Isabela Silva é formada em letras e pedagogia e atua com projetos educacionais e sociais. Vive em São Paulo e escreve poesia e prosa, explorando memória, ancestralidade, identidade e espiritualidade. Sua escrita transita entre o cotidiano e a experimentação da linguagem.



Navegação

Guardei na mala o riso sincero
junto de olhares gentis
tocada por mãos de força e amor

Uma lágrima pendurada e um dicionário inteiro
contido num abraço sem palavras
calculado para durar só alguns segundos
a mais:
naveguei

Naquela hora grande
A lua se fez completamente cheia,
antes de partir pra próxima encruzilhada
dancei com o fogo

plantei as dores na terra
sob o chapéu de um marinheiro
dormi com a nascente como travesseiro
e a beirinha do mar como cobertor

Banhada com ervas sagradas, o vento veio me abençoar
Em um único instante e por todo o infinito
Voei como pássaro, segurei um rio nas mãos

O mundo foi silencioso ali.
Na força de uma aldeia
um fio de contas me ensina a seguir.



Jairo V Santiago

Jairo V Santiago nasceu em Canoas (RS). É licenciado em letras (inglês e português). Trabalhou com tradução e ensino de inglês e participou de trabalho humanitário como voluntário em várias regiões do Brasil. É autor do livro digital *Vida e poesia: poemas e reflexões.*



Desde ontem

Desde ontem eu recobro
O que perdi na luta.
Levanto logo e saio,
Um caminhar ensaio

Entre dúvidas quase caí;
Me segurei e cobrei
Toda a vida que perdi
Quando, por medo, eu falhei.

Desde ontem anulo
Toda mentira acreditada.
Nada dela merece asilo.

O futuro sorrir eu via,
Mas nestes anos que sonhei
Por que será que eu caía?

Hoje, percorro toda a esfera,
Enfrento uma e outra fera.
Pois a vida logo ali me espera.

Viver é preciso

Navegar é aventura;
Viver é mais do que isso.
Navegar é partir, talvez chegar.
Viver é aprender a nadar.

Quem navega está preso ao mar
Quem nada está livre para voar.
Além de as gaivotas observar,
Encontra-se com elas no ar.

Sonhar é preciso:
Navegar nesta vida
É não ficar indeciso.

A vida é neblina, vai passar.
Navegar aprendendo a amar
É a um porto seguro chegar.



Marcela Torino



Marcela Torino escreve contos e crônicas sobre o cotidiano, a maternidade e as relações familiares. Em seus textos, explora o humor, os afetos e as contradições que atravessam os pequenos acontecimentos da vida.

Camisa de linho azul

Acordo com o telefone tocando às 3h30. Deve ser engano. Se for importante, vão ligar novamente. E ligam. Tento atender, mas o telefone desliga. Droga de bateria.

Meu marido levanta e desce as escadas para pegar o telefone dele. Menos de um minuto depois, ele reaparece no quarto.

"Meu pai morreu."

"Morreu? Como assim? Mas… mas…" Sinto meu peito acelerar. "Como você está? O que aconteceu?"

Enquanto falo, ele veste a calça e coloca as meias, no ritmo de um soldado intimado para a guerra.

"Não sei. Estou indo para lá e te aviso quando chegar."

Ouço o barulho do carro se afastar, ainda deitada no escuro. Penso em como vou contar para meu filho que seu avô partiu. Mas, especialmente, penso no meu próprio pai. Sinto um nó na garganta. Já perdi outras pessoas, mas a morte parece mais séria agora.

Desço para a cozinha e preparo o café da manhã em silêncio, com cuidado para não acordar o Téo. Devo falar sobre virar estrelinha? Uso ou não a palavra "morreu"?

Descubro que ele acordou pelo barulho das patas do cachorro, que sempre desce na sua frente.

"Oi, meu amor, senta aqui no meu colo."

"Cadê o papai?", diz ainda com a voz rouca.

"Foi pra São Paulo. É que o vovô Zetti virou estrelinha." Observo seu rostinho em busca de pistas.

"Eu não vou mais ver ele?"

"Não do jeito que você me vê. Mas ele sempre vai estar com a gente, quando a gente se lembrar das histórias dele." Digo enquanto o abraço.

"Agora, toma seu café que depois vamos para São Paulo. Você fica com a vovó hoje. Vou ajudar o papai."

"Então não tem escola? Eeeeeee."

Coloco as malas no carro e pego a estrada. Depois de deixar o Téo na casa da avó, sigo viagem para a casa do falecido. Ao chegar, vejo meu marido e sua tia ao telefone, tentando resolver a retirada do corpo.

A casa em que ele morava fica nos fundos de uma outra casa. Para

chegar até lá, tenho que descer uma escada íngreme e estreita e caminhar por um corredor que vai beirando a casa. Eu já sei o que vou encontrar atravessando a porta. Uma pessoa morta, deitada no sofá. Mas respiro para me preparar. Uma coisa é saber, outra coisa é ver.

Lá está ele. Meu sogro, enrolado em um edredom, apenas com o rosto de fora. Sua atual esposa está deitada ao seu lado, aos prantos.

Reparo nas pessoas de preto, sentadas em banquinhos atrás de nós. Essa sala apertada, que ainda outro dia servia de pista de corrida para os Hot Wheels dos netos, agora é velório.

Aproximo-me e coloco as mãos nos ombros dela.

"Minha querida… eu sinto muito. Ele estava tão bem na última semana."

"Não acredito que ele nos deixou. Eu não quero que ele vá embora. Quero ficar aqui, cuidando dele."

"Entendo. Mas a gente precisa tirar ele daqui. Você precisa deixar ele ir. Ele merece ser preparado e honrado com uma cerimônia."

Ajudo-a a se sentar e coloco um copo d'água e um calmante em suas mãos.

Depois de horas, a funerária chega para retirar o corpo. O rapaz da funerária sai do carro e observa as escadas.

"Não vai dar pra levar o caixão até lá, não." Ele coça a cabeça. "O caixão não faz curva. Vamos ter que trazer ele aqui."

Foram precisas quatro mulheres para tirar a viúva da sala e foram precisos quatro homens para levar o cadáver escada acima.

Observo a força que meu marido faz ao segurar o pano.

Depois de acomodá-lo no caixão, meu marido se abaixa e dá um último recado: "Pai, descansa. Isso aqui já não te pertence."

Naquela noite, dormimos muito pouco. Ele ainda menos: tinha que ser o primeiro a chegar na manhã seguinte para finalizar os preparativos do velório.

Eu me demoro mais. Espero Téo acordar. Quero respeitar o tempo dele, mas também ganhar uns minutos para mim. Com 40 anos, situações de morte me lembram que, em algum momento, será minha vez de velar pai ou mãe. Ou, pior, eu mesma posso ir embora e, nesse caso, como ficaria meu filho?

Chego ao velório com Téo e minha sogra. Ela foi casada por décadas com meu sogro, com quem teve três filhos e um divórcio tumultuado.

Meu marido aparece para nos receber.

"Mãe, sabe aquela camisa azul de linho?"

"Sim, foi meu presente pra você em algum aniversário."

"Então, agora ela vai ser enterrada com o caixão", diz ele, de um jeito brincalhão, como de costume.

Minha sogra parece um tanto horrorizada. Olho para ele e franzo a testa. É a camisa que eu separei para meu marido vestir hoje.

"Vai lá ver meu pai no caixão."

Entro no velório, o oficial agora. Tem muita gente: familiares, colegas de trabalho, vizinhos. Enquanto cumprimento quem conheço, abro meu caminho até o caixão.

Vejo-o deitado, agora propriamente arrumado, com flores em torno de seus braços. Sem edredom.

E sorrio — talvez um pouco mais do que a solenidade do momento permite — ao reconhecer a camisa de linho azul.



Paulo Nascimento Guerra



Paulo Nascimento Guerra nasceu em Setúbal, em 1972. Escritor, fotógrafo e viajante, encontra nas palavras e nas imagens formas de guardar o que o tempo leva e de compreender o que a vida deixa. Autor de *Vida* e *O lugar do som*, escreve sobre a memória, as ausências e a fragilidade humana, acreditando que até as experiências mais difíceis podem transformar-se em literatura.

Os homens que não aparecem nas fotografias

Da primeira vez que quase apareceu numa fotografia, Sunil tinha vinte e três anos e ainda acreditava que as coisas importantes aconteciam de frente.

Estava a varrer os degraus de acesso ao templo quando um casal estrangeiro lhe pediu que se afastasse. O homem fez um gesto com a mão, como quem enxota uma mosca sem querer magoá-la. Sunil encostou-se ao muro. Esperou que terminassem. Depois voltou ao trabalho.

Não se lembrava do rosto do casal. Lembrava-se dos sapatos da mulher, amarelos, com uma tira partida que ela prendia debaixo do pé.

Trinta e dois anos depois, continuava a reparar primeiro nos sapatos.

Chegava antes das seis. Deixava as sandálias junto à pequena arrecadação, enchia um balde e começava pela escadaria inferior. Havia folhas, terra vermelha, embalagens de rebuçados e, ocasionalmente, moedas que ninguém se dava ao trabalho de procurar. As moedas entregava-as na bilheteira. Os rebuçados guardava-os no bolso até encontrar um caixote.

Os turistas chegavam mais tarde, quando o calor já começava a subir das pedras.

Uns paravam a meio da escadaria. Outros perguntavam quantos degraus faltavam, embora Sunil nunca os tivesse contado. Aprendera a responder com a mão aberta, inclinada para cima, um gesto que tanto podia significar pouco como muito.

Havia quem agradecesse.

Havia quem não o visse.

Naquela manhã, encontrou uma fotografia instantânea junto ao muro onde os visitantes costumavam descansar.

Estava dobrada num canto e tinha uma mancha de água. Mostrava a entrada do templo, três mulheres de chapéu e, atrás delas, um homem com uma vassoura.

Sunil reconheceu a vassoura antes de se reconhecer a si próprio.

Era uma fotografia recente. Tinha a camisa azul que a filha lhe oferecera no último Ano Novo. O braço esquerdo aparecia levantado, talvez para afastar uma folha presa ao muro. A boca estava aberta.

Não se lembrava de ter sido fotografado.

Virou a imagem.

No verso havia uma palavra escrita a esferográfica.

Sorry.

Sunil sabia o que significava. Ouvia-a dezenas de vezes por dia, quase sempre depois de alguém lhe pisar a vassoura ou impedir a passagem do balde.

Guardou a fotografia no bolso.

À hora do almoço, mostrou-a a Nimal, que vendia garrafas de água e pequenos pacotes de bolachas junto à estrada.

— Conheces estas mulheres?

Nimal aproximou a fotografia dos olhos.

— Todas iguais.

— Não são todas iguais.

— Para mim são. Chapéu, óculos, garrafa de água. Se tirarem os chapéus, talvez.

Sunil apontou para a palavra.

— Porque escreveram isto?

Nimal encolheu os ombros.

— Talvez te tenham fotografado sem pedir.

— Fazem-no todos os dias.

— Então talvez tenham pedido desculpa por todas as outras vezes.

Nimal riu-se da própria resposta.

Sunil não.

Em casa, pousou a fotografia sobre a mesa, ao lado do recipiente do arroz.

A mulher, Malini, olhou-a enquanto servia o caril.

— Estás mais velho.

— Estou igual.

— É isso que dizem os velhos.

Malini tinha uma pequena banca de legumes no mercado. Levantava-se ainda mais cedo do que ele e regressava sempre com o cheiro das folhas de caril agarrado às mãos. Havia vinte e oito anos que viviam juntos. Tinham aprendido a discutir sem interromper as tarefas.

— Alguém escreveu uma palavra atrás — disse Sunil.

Malini virou a fotografia.

— Pediram desculpa.

— Porquê?

— Não sei. Pergunta-lhes.

— Não sei quem são.

— Então não é um problema que possas resolver.

Continuou a comer.

Sunil colocou a fotografia encostada ao açucareiro.

A filha telefonou nessa noite. Trabalhava numa farmácia em Colombo e ligava habitualmente às quartas-feiras, mas naquele mês

telefonara três vezes para saber se o pai já tinha decidido consultar um médico por causa do joelho.

— Continuas a subir aquelas escadas?

— Alguém tem de as limpar.

— Há mais pessoas.

— Não chegam tão cedo.

— Pai, não és dono do templo.

— Nunca disse que era.

A filha pediu para falar com a mãe.

Antes de entregar o telefone, Sunil perguntou:

— Sabes o que significa quando alguém escreve *sorry* numa fotografia?

— Que está arrependido de alguma coisa.

— Mesmo que não tenha feito nada?

— Pai, o que aconteceu?

— Nada.

Era uma resposta que a filha conhecia bem. Deixou de insistir.

Na manhã seguinte, Sunil levou a fotografia para o trabalho.

Durante a primeira hora, manteve-a dentro da arrecadação, entre uma caixa de detergente e um calendário do ano anterior. Depois colocou-a sobre o parapeito de pedra, com a imagem voltada para quem passava.

Pensou que talvez alguém a reconhecesse.

Às dez, um rapaz perguntou se estava à venda.

Às onze, uma mulher fotografou a fotografia.

Perto do meio-dia, um homem de camisa branca quis saber se Sunil tinha autorização para expor imagens naquele lugar.

Sunil guardou-a novamente.

Foi então que reparou num pormenor.

Ao fundo da imagem, parcialmente escondido pelas três mulheres, via-se um rapaz sentado num degrau. Tinha uma perna estendida e a outra dobrada. Segurava um sapato na mão.

Sunil conhecia aquele rapaz.

Chamava-se Kasun e trabalhara durante alguns meses na limpeza do templo, até deixar de aparecer.

Não se tinham despedido. Kasun faltara numa segunda-feira, depois numa terça. Na sexta, outro homem ocupava o seu lugar.

Sunil perguntou por ele ao encarregado.

O encarregado disse-lhe que tinha ido trabalhar para Kandy.

Na fotografia, Kasun parecia estar a rir-se.

Sunil procurou o número antigo no telefone. Ainda lá estava, guardado apenas com o nome.

Ligou.

Uma voz feminina respondeu depois de vários toques.

— Kasun?

A mulher ficou em silêncio.

— Sou Sunil. Trabalhávamos juntos em Dambulla.

— Ele já não usa este número.

— Sabe onde está?

— Não.

A chamada terminou.

Sunil não pousou logo o telefone.

Ao fim da tarde, voltou à loja de Nimal.

— Lembras-te do Kasun?

— Qual?

— O que trabalhava comigo.

— O rapaz magro?

— Sim.

— Foi-se embora.

— Para Kandy?

Nimal abriu uma caixa de bolachas e começou a dispô-las na prateleira.

— Não sei. Ouvi dizer que tinha problemas com dinheiro.

— Que problemas?

— Não sei, Sunil. As pessoas têm problemas.

Sunil mostrou-lhe a fotografia outra vez.

Nimal observou o rapaz ao fundo.

— Está descalço.

— Tem um sapato na mão.

— O outro está no chão.

Sunil aproximou a imagem.

Era verdade. Junto ao degrau via-se o segundo sapato, com a sola voltada para cima.

— Está a arranjá-lo — disse Nimal.

Sunil recordou-se então de uma manhã em que Kasun lhe pedira dinheiro emprestado para comprar calçado. Não muito. O suficiente para substituir uns sapatos que se abriam à frente.

Sunil respondera que não tinha.

Era verdade.

Mas nessa tarde comprara um rádio usado, que deixara de funcionar duas semanas depois.

A fotografia ficou sobre o balcão, entre as garrafas de água.

— Porque estás tão interessado nisto? — perguntou Nimal.

Sunil não respondeu.

Na sexta-feira, chegou ao templo ainda de noite.

A chuva da madrugada deixara pequenas poças nos degraus. Trabalhou devagar, apoiando-se na

vassoura sempre que o joelho o obrigava a parar.

Quando terminou a escadaria inferior, sentou-se no lugar onde Kasun aparecia na fotografia.

Tentou imaginar o rapaz naquele dia. Talvez estivesse a arranjar o sapato. Talvez alguém tivesse dito alguma coisa engraçada. Talvez estivesse a rir-se de Sunil, que surgia de boca aberta, com o braço levantado.

Só nesse momento lhe ocorreu que a palavra escrita no verso podia não lhe ser dirigida.

As três mulheres estavam em primeiro plano. Ele surgia atrás. Kasun, ainda mais atrás.

Talvez uma delas tivesse reconhecido o rapaz na imagem e lamentado alguma coisa. Talvez tivesse sido apenas uma palavra escrita por engano.

Sunil ficou a olhar para a fotografia até o primeiro grupo de visitantes começar a subir.

Um homem pediu-lhe que saísse do degrau.

Queria fotografar a escadaria vazia.

Sunil levantou-se.

Nesse dia, não voltou a mostrar a fotografia a ninguém.

No domingo, a filha veio de Colombo.

Trouxe comprimidos para o joelho, uma caixa de chá e um saco com roupa que já não usava. Malini preparou arroz com peixe. Comeram os três junto à janela aberta.

Depois do almoço, Sunil mostrou-lhe a imagem.

A filha observou-a demoradamente.

— Quem tirou isto?

— Não sei.

— E porque a guardaste?

— Está lá o Kasun.

Ela aproximou o rosto.

— Este?

— Sim.

— Parece muito novo.

— Era.

A filha virou a fotografia e leu a palavra.

— Sabes uma coisa, pai? Talvez não seja um pedido de desculpa.

— Está escrito.

— Sim. Mas não sabemos porquê.

Sunil tirou-lhe a fotografia das mãos.

Ficaram calados.

A filha levantou-se para ajudar Malini a lavar a loiça.

Antes de sair da sala, perguntou:

— Tens alguma fotografia tua a trabalhar?

Sunil pensou.

Havia uma do casamento, outra com Malini e a filha ainda pequena, algumas tiradas em festas de família. Tinha fotografias junto a elefantes, fotografias de aniversários, uma fotografia antiga ao lado de uma mota que nunca lhe pertencera.

Mas não se lembrava de nenhuma no templo.

— Tenho esta.

A filha voltou à mesa.

— Então fica com ela.

Na segunda-feira, Sunil levou a fotografia consigo.

Não a colocou no parapeito nem a mostrou aos visitantes. Guardou-a na arrecadação, dentro de um envelope, para que não se estragasse.

Passaram-se algumas semanas.

O joelho piorou. O encarregado disse-lhe que podia ficar na zona inferior, onde havia menos degraus. Sunil aceitou sem discutir.

Numa manhã de calor, uma mulher estrangeira aproximou-se enquanto ele recolhia folhas junto ao muro.

Trazia uma máquina fotográfica pendurada ao pescoço.

— Posso tirar-lhe uma fotografia?

Sunil olhou para ela.

Era uma mulher de meia-idade, com um vestido verde.

— Para quê?

Ela pareceu surpreendida.

— Porque gostaria.

Sunil pousou a vassoura.

A mulher levantou a máquina, mas ele ergueu a mão.

— Espere.

Foi à arrecadação e regressou com o envelope.

Retirou a fotografia antiga e mostrou-lha.

— Conhece estas pessoas?

A mulher examinou a imagem.

— Não.

Sunil apontou para o rapaz ao fundo.

— E este?

Ela abanou a cabeça.

Devolveu-lhe a fotografia com cuidado.

— Posso fotografá-lo agora?

Sunil guardou o envelope.

— Pode.

Pegou novamente na vassoura.

A mulher pediu-lhe que olhasse para a máquina.

— Não é preciso — respondeu.

Continuou a varrer.

Ouviu o disparo.

A mulher agradeceu, mostrou-lhe a imagem no pequeno ecrã e seguiu caminho.

Sunil viu-se inclinado sobre as pedras, com a camisa molhada nas costas e a vassoura entre as mãos.

Não gostou especialmente da fotografia.

Ao fim do dia, antes de fechar a arrecadação, retirou a fotografia antiga do envelope.

Olhou novamente para Kasun.

Pediu uma esferográfica na bilheteira e escreveu no verso, por baixo da outra palavra:

Chegaste a comprar os sapatos?

Ficou a olhar para as palavras.

Riscou-as até deixarem de se ler.

Guardou a fotografia no envelope, apagou a luz e fechou a porta.

No caminho para casa, parou numa banca do mercado e comprou um par de sandálias de borracha. Escolheu o número pelo próprio pé, porque não sabia outro.

Na manhã seguinte, deixou-as na arrecadação, ao lado das suas. Nos degraus, encontrou três moedas. Entregou-as na bilheteira, como sempre. Só depois foi buscar a vassoura.

O país onde ninguém sabia o meu nome

Na terceira manhã deixei de corrigir as pessoas.

O homem que servia o pequeno-almoço chamava-me *sir*. O motorista dizia *my friend*. Uma criança, à porta de uma loja, gritou uma palavra que não compreendi e que talvez nem sequer fosse dirigida a mim.

Nenhum deles precisava do meu nome.

Descobri que podia passar um dia inteiro sem o ouvir.

Em Portugal, até os desconhecidos pareciam saber alguma coisa a meu respeito. O farmacêutico perguntava se estava melhor. A mulher da papelaria queria saber quando regressaria ao trabalho. Havia sempre uma pergunta que começava antes de eu chegar, como se a minha presença fosse apenas a continuação de uma conversa interrompida.

No Sri Lanka, ninguém esperava uma resposta anterior.

Não tinha escolhido aquele país por nenhuma razão especial. Uma noite, diante do computador, procurei destinos onde nunca tivesse estado. Havia uma promoção, uma fotografia de uma praia e um voo com uma escala suportável. Comprei a passagem antes de encontrar uma razão para o fazer.

A primeira cidade pareceu-me demasiado ruidosa. Os autocarros passavam com as portas abertas, as motas surgiam de lugares improváveis e os cães dormiam onde o trânsito lhes permitia. Passei duas noites num quarto com uma ventoinha que fazia um pequeno estalido a cada volta.

Na manhã seguinte apanhei um comboio para o interior.

Foi nessa viagem que comecei a reparar nas coisas que fazia sem pensar.

Dobrei o bilhete em quatro. Coloquei a mala entre os pés. Escolhi um lugar de onde pudesse ver a porta. Quando o vendedor de chá passou, contei o dinheiro duas vezes antes de lho entregar.

A certa altura, uma mulher sentada à minha frente perguntou de onde vinha.

— Portugal.

Sorriu.

— Ronaldo.

Sorri também.

Não perguntou mais nada.

Pela janela, as árvores aproximavam-se tanto que algumas folhas batiam na carruagem. Um homem atravessou os carris com uma bicicleta ao ombro. Vi uma casa pintada de rosa, uma camisa pendurada numa vedação e uma rapariga que segurava um guarda-chuva aberto sem que estivesse a chover.

Não fotografei nenhuma dessas coisas.

Em Ella, fiquei numa pequena hospedaria afastada da estrada principal. O quarto tinha uma varanda estreita e uma mesa de madeira com uma perna mais curta. A proprietária chamava-se Anoma. Falava inglês devagar, não por dificuldade, mas porque parecia considerar cada palavra uma despesa que devia ser justificada.

No primeiro dia perguntou-me a que horas queria tomar o pequeno-almoço.

No segundo, se tinha dormido bem.

No terceiro, colocou sobre a mesa uma chávena adicional.

— Para quem é? — perguntei.

— Para ninguém. A outra está partida.

A chávena tinha uma fissura junto à asa.

Anoma levou-a para a cozinha.

Na manhã seguinte, voltou a trazer duas.

Não comentei.

Passava os dias a caminhar. Subia estradas estreitas, entrava em pequenas lojas, sentava-me onde encontrava sombra. Comprei um caderno, embora não tivesse nada que precisasse de escrever.

Uma tarde, parei numa oficina onde um homem reparava motas. Tinha as mãos escuras de óleo e um rádio pousado sobre uma caixa de ferramentas.

Perguntou-me se precisava de alguma coisa.

Respondi que não.

Ofereceu-me um banco.

Fiquei quase uma hora a vê-lo trabalhar.

Não conversámos muito. Disse-me que tinha dois filhos. Perguntou se eu tinha algum. Respondi que não. Quis saber se era casado.

— Já fui.

Acenou com a cabeça e continuou a apertar um parafuso.

Esperei pela pergunta seguinte.

Não veio.

Regressei à hospedaria já de noite.

Anoma estava sentada à entrada, a descascar qualquer coisa para dentro de uma tigela.

— Hoje andou muito — disse.

— Como sabe?

— Os seus sapatos.

Olhei para baixo. Tinha terra seca até aos tornozelos.

Ela continuou a descascar.

— Amanhã vai chover.

Perguntei se tinha visto a previsão.

— Não. As formigas.

Apontou para uma fila de insetos que subia pela parede.

Na manhã seguinte choveu.

Passei várias horas na varanda, a observar a água a cair sobre os telhados de chapa. Havia uma árvore do outro lado da estrada cujos ramos se dobravam sob o peso da chuva. De vez em quando passava alguém de mota, com os pés afastados do chão para não molhar os sapatos.

Foi nesse dia que Anoma me perguntou:

— Porque conta sempre as chávenas?

Não compreendi.

— Que chávenas?

— As que estão na mesa.

Pensei que estivesse a brincar.

— Não conto.

— Conta.

Entrou na cozinha antes que eu pudesse responder.

Fiquei a olhar para a mesa.

Havia uma chávena, um prato, uma colher e uma pequena taça com fruta. Toquei na chávena. Depois no prato.

Não sabia o que procurava.

Nos dias seguintes comecei a vigiar os meus gestos.

Quando entrava num restaurante, contava as cadeiras vazias antes de escolher uma mesa. Nos autocarros, verificava quantas pessoas estavam sentadas à minha frente. Na hospedaria, antes de apagar a luz, olhava para os dois lados da cama.

Não me lembrava de ter começado a fazer aquilo.

Tentei parar.

Na primeira noite consegui deitar-me sem olhar para o lado vazio. Levantei-me pouco depois para fechar uma janela que já estava fechada.

No dia seguinte, Anoma perguntou se queria mudar de quarto.

— Porquê?

— O outro tem uma cama mais pequena.

Disse-lhe que estava satisfeito.

Ela não insistiu.

Na última semana fui até à costa sul. Deixei a hospedaria numa manhã de nevoeiro. Anoma entregou-me uma pequena embalagem de bolachas para a viagem.

— Não precisa de pagar.

Agradeci.

Quando já estava junto ao carro, chamou-me.

— Esqueceu-se disto.

Trazia o caderno que eu comprara em Ella.

Estava quase vazio. Tinha apenas algumas datas, o nome de uma estação ferroviária e uma frase escrita numa página sem qualquer relação com as anteriores.

Não sei quantos lugares ocupa uma pessoa depois de sair.

Não me lembrava de a ter escrito.

Anoma não abriu o caderno. Entregou-mo pela capa.

— Boa viagem, senhor.

Durante o trajeto até à costa, pensei na frase.

Não era especialmente boa. Parecia-me até um pouco pretensiosa. Tinha o defeito das frases que tentam explicar uma coisa antes de a compreender.

Arranquei a página.

Dobrei-a e guardei-a no bolso.

Em Galle, fiquei num hotel antigo, com corredores compridos e janelas de madeira. O funcionário da receção pediu-me o passaporte.

Leu o meu nome em voz alta.

Havia quase duas semanas que não o ouvia pronunciado por outra pessoa.

Corrigi-lhe a acentuação.

Ele repetiu-o.

— Assim?

— Sim.

Escreveu qualquer coisa no computador e entregou-me a chave.

No quarto havia duas camas.

Telefonei para a receção a perguntar se podia trocar.

Disseram-me que o hotel estava cheio.

Não insisti.

Na primeira noite dormi na cama junto à janela. Na segunda, na outra. Na terceira, juntei as duas mesas de cabeceira e coloquei-as entre as camas, para poder pousar os livros e o telefone.

Foi nessa noite que recebi uma chamada de Portugal.

Era uma pessoa com quem não falava há vários meses.

Atendi.

Perguntou-me onde estava. Disse-lhe.

Falou-me de uma conta por pagar, de uma chave que alguém não encontrava e de um almoço a que eu não tinha ido. Respondi ao que sabia.

Antes de desligar, perguntou:

— Estás bem?

Olhei para a cama vazia.

— Estou.

Houve uma pausa.

— Continuas a fazer isso.

— O quê?

— A responder antes de pensares.

A chamada terminou pouco depois.

Fiquei algum tempo com o telefone na mão.

Na manhã seguinte, desci para o pequeno-almoço.

O empregado perguntou-me se queria uma mesa para uma pessoa.

Ia responder que sim, mas reparei que eu já tinha puxado também a cadeira em frente.

Sentei-me.

Trouxe-me café, fruta e torradas.

Depois perguntou se precisava de mais alguma coisa.

Olhei para a mesa.

Havia dois guardanapos.

Peguei num deles e coloquei-o sobre a cadeira vazia.

O empregado reparou.

— Está à espera de alguém?

Não respondi imediatamente.

Pela janela via-se um homem a empurrar um carrinho de mão. Um cão atravessou a rua e deitou-se junto a uma parede. No passeio, uma mulher tentava abrir uma sombrinha que o vento insistia em fechar.

O empregado continuava à espera.

— Não — disse finalmente.

Retirei o guardanapo da cadeira e coloquei-o ao lado do prato.

O empregado sorriu e afastou-se.

Na última tarde fui caminhar junto às muralhas.

O mar estava agitado. Algumas pessoas tiravam fotografias encostadas às pedras. Um rapaz vendia pequenos brinquedos de plástico que o vento fazia girar.

Comprei um.

Não tinha ninguém a quem oferecê-lo.

O rapaz perguntou-me o nome.

Disse-lho.

Tentou repeti-lo e enganou-se duas vezes. À terceira, desistiu e começou a rir.

Ri-me também.

Depois perguntou-me se queria que escrevesse o nome no saco.

— Não é necessário.

O rapaz entregou-me o brinquedo.

Caminhei até ao fim da muralha. O vento era tão forte que tive de o segurar com as duas mãos.

Quando regressei ao hotel, encontrei uma mensagem no telefone.

Era de Anoma.

Tinha escrito apenas:

Chegou bem?

Respondi que sim.

Alguns minutos depois apareceu outra mensagem.

Hoje pus só uma chávena.

Li-a várias vezes.

Não soube o que responder.

No dia seguinte, antes de sair para o aeroporto, pedi ao funcionário da receção que chamasse um táxi.

Perguntou-me o número do quarto.

Disse-lho.

Depois perguntou o nome.

Já não me pareceu uma pergunta simples.

Disse-o devagar.

O funcionário encontrou a reserva, confirmou a hora do transporte e devolveu-me o passaporte.

Antes de o guardar, abri-o na página da fotografia.

O homem que ali estava tinha o meu rosto, a minha data de nascimento e uma assinatura que reconhecia.

Fechei o documento.

O táxi chegou alguns minutos depois.

Quando o motorista abriu a bagageira, perguntou-me se viajava sozinho.

Olhei para as duas malas que trazia comigo. Uma tinha roupa. A outra, livros e objetos que comprara sem grande intenção de os conservar.

— Sim — respondi.

Ele colocou as malas no carro.

Já íamos a caminho do aeroporto quando percebi que tinha contado os lugares vazios no banco de trás.

E, pela primeira vez, não voltei a contá-los.



Rildo Oliveira



Rildo Oliveira estudou engenharia, direito e psicologia. É auditor fiscal aposentado do Estado de Alagoas e já teve um conto laureado pela Academia Alagoana de Letras. É cartunista e poeta.

O cavalo

Não sei exatamente quando descobri que meu pai havia morrido. Talvez nunca tenha descoberto. Há acontecimentos que, quando somos muito pequenos, não chegam a nós como notícias. Simplesmente passam a fazer parte da ordem natural das coisas.

Meu pai não estava lá. Era assim.

Em 1966, minha mãe, Ana Rosiete, foi morar comigo no Abrigo São Vicente de Paulo, em Maceió. Meu avô, Roldão Oliveira, dirigia a instituição. Era pai do meu pai, assassinado nas proximidades de uma usina de açúcar, em União dos Palmares.

Eu tinha dois anos, talvez três. Não sabia o que era uma usina. Tampouco sabia o que era um assassinato. Sabia, entretanto, reconhecer um cavalo.

E havia um no abrigo.

Era um homem que andava de quatro.

Não sei seu nome. Não me lembro de alguém pronunciá-lo, embora certamente tivesse um. Os adultos têm essa mania de dar nomes às pessoas. Para mim, ele era simplesmente o cavalo.

Tinha uma corrente dessas de bijuteria, que lhe servia de arreio. Eu a segurava e dava ordens, como fazem os cavaleiros.

— Burra!

E ele andava.

— Burra!

E ele andava mais.

Gostava daquilo. Lembro-me perfeitamente. Não era uma dessas brincadeiras em que um adulto suporta pacientemente as exigências de uma criança, esperando que ela se canse. Ele participava com gosto. Havia entre nós um entendimento que dispensava explicações.

Eu era o cavaleiro. Ele, o cavalo.

Nunca discutimos os papéis.

Não me ocorria perguntar por que aquele homem andava de quatro. As crianças não estranham o mundo com a mesma facilidade dos adultos. Aceitam-no primeiro; somente muito depois começam a exigir explicações.

Havia homens que andavam sobre duas pernas. Aquele andava sobre quatro. Uns tinham cabelos, outros

eram carecas. Alguns falavam alto, outros permaneciam calados. Era tudo perfeitamente razoável.

O abrigo era povoado por velhos. Velhos que se sentavam, conversavam, comiam e dormiam. Tinham passado pela vida antes de mim e, por razões que eu desconhecia, haviam terminado ali.

Hoje suponho que muitos não possuíssem família, dinheiro ou saúde. Talvez tivessem perdido filhos, mulheres, casas. Na época, porém, nada disso me interessava.

Eu tinha um cavalo.

* * *

Durante muito tempo, ouvi a palavra abrigo associada à tristeza. Abrigo de velhos. Abrigo de órfãos. Abrigo de desamparados. A própria palavra parecia pressupor uma desgraça anterior. Ninguém precisa de abrigo quando tudo vai bem.

Mas essa não é a recordação que guardo daquele lugar.

Lembro-me de alegria.

Não uma alegria extraordinária, dessas que exigem festas ou acontecimentos especiais. Era uma alegria cotidiana, espalhada pelas pessoas e pelos espaços, sem motivo aparente.

Talvez fosse o privilégio dos meus poucos anos. Talvez houvesse realmente mais contentamento naquele lugar do que se poderia imaginar. Não tenho como saber.

A memória não é um documento público. É uma testemunha interessada.

Ainda assim, confio naquela criança.

Ela não conhecia o significado da palavra miséria. Não sabia distinguir um homem respeitável de um mendigo. Não compreendia por que sua mãe estava ali, nem por que o avô, que dirigia a casa, carregava uma dor que não aparecia nos meus jogos.

Os adultos sabiam. Minha mãe sabia. Meu avô sabia.

Eu não.

E talvez por isso fosse feliz.

* * *

Imagino hoje o que aquele homem teria vivido antes de se transformar em meu cavalo. Teria sido criança em alguma rua de Maceió? Teria conhecido o amor? Trabalhado? Tido uma casa, irmãos, alguém que o esperasse?

Não sei.

Sei apenas que possuía uma corrente de bijuteria.

É curioso como a memória funciona. De um homem inteiro, com uma existência provavelmente longa

e difícil, conservei um objeto insignificante. Uma corrente barata.

E, no entanto, essa corrente sobreviveu a sessenta anos.

Não saberia descrever com segurança suas roupas. Não sei sua idade, nem como chegou ao abrigo. Mas vejo a corrente. Vejo o homem. Vejo a brincadeira. E me vejo dizendo:

— Burra!

O que sei, sem precisar de ajuda da imaginação, é que ele gostava de brincar comigo.

Isso basta.

* * *

Meu pai morreu porque deu carona a três homens. É o que conta a história da família. Estava num Jeep, trabalhando como vendedor de máquinas, quando encontrou aqueles que acabariam por matá-lo com uma arma branca.

Durante muitos anos, a explicação foi um assalto. Depois surgiu outra versão, mais obscura, envolvendo uma possível vingança. Não sei qual é a verdadeira.

Para minha mãe, entretanto, havia uma única verdade incontestável: o marido estava morto. E ela tinha filhos para criar.

Foi assim que chegamos ao abrigo.

Penso nisso hoje com alguma perplexidade. Enquanto minha mãe procurava um modo de continuar vivendo, eu aprendia a montar num cavalo humano. Enquanto meu avô enfrentava a morte do filho, eu descobria os prazeres da equitação.

Não havia crueldade naquela brincadeira. Havia duas pessoas que, por motivos diferentes, estavam fora das convenções dos adultos: um homem que se locomovia de maneira incomum e uma criança pequena demais para conhecê-las.

Encontraram-se. E brincaram.

* * *

Anos depois, meu avô se tornaria padre. Eu estaria presente à sua ordenação, na Catedral Metropolitana de Maceió.

Minha mãe encontrou forças para continuar. Eu cresci. O abrigo permaneceu.

Não sei o que aconteceu com meu cavalo. Talvez tenha morrido ali. Talvez alguém, em algum arquivo esquecido, tenha registrado seu nome, sua idade e a razão de sua deficiência.

Espero um dia encontrá-lo. Não para explicar aquele homem, mas para devolver-lhe o nome que a minha infância dispensou.

Há nisso uma pequena dívida. Durante alguns meses, ele foi uma das pessoas mais importantes do meu mundo. Deu-me alegria numa época em que minha família conhecia a tristeza. E não lhe sei o nome.

Tenho hoje mais de sessenta anos. Já vivi o suficiente para descobrir que a vida é muito menos razoável do que parecia naquele abrigo.

Lembro-me daquele homem. De sua corrente. De suas quatro pernas. E daquela alegria que ainda hoje me parece inexplicavelmente verdadeira.

Meu pai havia sido assassinado. Minha mãe era viúva. Meu avô perdera um filho.

Mas eu tinha um cavalo.

E éramos felizes.

Talvez tenha sido ali que aprendi, sem saber, uma das coisas mais difíceis da existência: a desgraça e a alegria não se excluem. Podem morar na mesma casa, atravessar os mesmos corredores, sentar-se à mesma mesa.

Podem até brincar juntas.

Basta uma corrente de bijuteria.

E um menino que grite:

— Burra!



Sheila Regina Sarra

Sheila Regina Sarra é médica, arquiteta e escritora com pós-graduação pela USP. Publicou os livros *Quando a tempestade chegar* pela Editora Urutau, *Sobre as asas da andorinha* pela Editora Ases da Literatura e *O enigma* pela Editora Litteralux.



O encanto do outono

Enquanto sua mente focava nos redemoinhos de terra e de folhas levantados pelo vento, o ônibus continuava firmemente o seu trajeto. Era outono, estação em que as árvores perdiam suas copas, cobrindo o solo da estrada com um imenso tapete dourado. Apesar dos buracos e dos consequentes solavancos, Lúcia adorava passar por aquele pequeno trecho do caminho que percorria todos os dias para ir e voltar do trabalho. Enquanto a maioria dos passageiros dormia ou conversava, ela observava o voo dos pássaros, a fuga de pequenos animais assustados em busca de refúgio, os primeiros raios de sol produzindo reflexos inusitados e o fluxo moroso dos pequenos cursos de água. Parecia uma outra dimensão da vida, uma calmaria que desafiava seus medos e ansiedades. Nesse cenário, não havia espaço para pressa ou impaciência; tudo ocorria no seu devido tempo e de acordo com as leis do universo. Ao observar a natureza, sentia-se tomada por uma onda de serenidade que a tranquilizava progressivamente. Seus problemas pareciam minúsculos, e sua compreensão da existência se expandia. Nada era tão grave a ponto de amargar o prazer de vivenciar as maravilhas que a cercavam.

Sem perceber, começou a divagar sobre os mistérios da criação do mundo e qual seria o seu papel nessa complexidade de agentes atuantes. Sentia-se como as folhas levadas pelo vento, flutuando despretensiosamente sob a ação de forças incontroláveis. Não sabia se isso era bom ou ruim, mas não duvidava de sua percepção. Desde criança, carregava uma contínua sensação de estar sendo inexoravelmente arrastada pela correnteza do mundo. Não se via na posição de quem conduz o seu próprio destino e desafia os ventos contrários. Ao contrário, se identificava com a suavidade de uma vida leve que simplesmente segue o fluxo natural.

Perdida em seus pensamentos, não viu o tempo passar e assustou-se ao constatar que seu ponto de descida havia ficado para trás. Preocupada com a reunião que teria logo cedo, levantou-se com presteza e foi até a

cabine do motorista, certa de que ele seria sensível à sua situação.

— Bom dia! Desculpe o incômodo, mas preciso descer agora. Meu ponto passou e tenho muita pressa de chegar ao trabalho — disse Lúcia, em tom de súplica.

— Sinto muito, moça. Temos normas e não posso parar o ônibus fora dos pontos regulamentados. Terá que esperar até a próxima parada — respondeu o motorista, sem desviar os olhos da pista.

— Eu desço em alguns segundos. Ninguém vai reclamar. Por favor! — insistiu ela, quase chorando.

— Peço que retorne ao seu assento e aguarde em silêncio. A senhora está na frente do espelho lateral, atrapalhando a minha visão — disse o motorista com rispidez enquanto desacelerava o veículo para contornar uma curva fechada.

Aceitando como sempre o que o destino lhe oferecia, Lúcia começou a se virar para o corredor quando um súbito e violento solavanco a fez cair sobre o motorista. Em poucos segundos, o veículo saiu do controle e foi para fora da estrada, colidindo contra as árvores que ladeavam a estrada. O clima era de desespero, com gritos, malas caídas e choro de crianças. Mas, felizmente, ninguém se machucou.

Lúcia conseguiu se agarrar ao volante e não sofreu nenhum ferimento. Ao se levantar, mal conseguia olhar para o motorista e para os outros passageiros. Estava muito consternada com a situação, sentindo-se culpada pelo acidente. Para evitar um pequeno atraso no trabalho, havia mudado o dia de todas aquelas pessoas. Contudo, surpreendeu-se ao ouvir as manifestações que foram se sucedendo.

— O que custava ter parado para a moça descer! — disse a mulher do banco da frente, enquanto consolava seu filho.

— Como se não bastasse a falta de sensibilidade, você ainda acelerou o veículo no meio da curva! — gritou um senhor da segunda fileira.

— Fez de propósito para ela cair! Outro dia fez o mesmo com uma idosa e ela perdeu o equilíbrio e machucou o braço! — acusou uma senhora, com indignação.

— Vou chamar o carro da empresa e faço questão de dar uma carona para a moça e para quem mais precisar — disse um senhor de aspecto sério e compenetrado, enquanto ligava do seu celular.

Escutando, atônita, essa série de comentários que a colocavam como vítima, Lúcia pensou como a vida mudava novamente o curso de sua história. O vento agora soprava a seu favor, sem que ela precisasse fazer nada para mudar a sua sorte. Em poucos minutos, o carro de João, o passageiro compenetrado, chegou, e ela estava a caminho do escritório. Provavelmente, chegaria dentro do horário e nem precisaria se explicar.

No trajeto, ao lado de mais dois passageiros, surgiram comentários sobre a beleza da paisagem e Lúcia confessou sua imensa paixão pelo lugar. A conversa descompromissada seguiu um curso inusitado, e a sorte voltou a bater à porta de Lúcia.

— Sou uma eterna adoradora desse lugar! Trabalho há muitos anos nesta empresa e confesso que até hoje sinto entusiasmo ao acordar cedo e pensar no amanhecer durante o trajeto. O outono é minha estação favorita; fico enternecida com as cores e tons da paisagem, sentindo-me como se fizesse parte dela — afirmou Lúcia com nítida emoção.

— Também admiro o encanto do outono. Fico feliz em perceber que não sou o único que se comove com os encantos da natureza. Na verdade, nunca faço esse trajeto de ônibus, mas hoje me senti motivado a mudar minha rotina para contemplar a paisagem. Tive uma enorme sensação de pertencimento e de simbiose, como se o meu mundo interior adquirisse um significado especial ao se fundir com aquela cena — disse João.

— Também tenho essa sensação de comunhão da minha alma com a paisagem do outono. É uma experiência maravilhosa! — aquiesceu Lúcia.

— Você é uma moça bastante sensível e intuitiva. Admiro pessoas com essa capacidade. Gostei de conhecê-la e gostaria de lhe deixar um convite. Estamos expandindo a empresa e contratando novos funcionários. Vou lhe dar o meu cartão e, se tiver interesse em ingressar em nosso quadro de colaboradores, pode marcar uma entrevista e dizer que eu a indiquei. Temos um plano de carreira bem estruturado, em que incentivamos o aprimoramento e o crescimento das pessoas. Dê uma olhada em nossa página na internet e veja se alguma vaga lhe interessa — disse João, com o intuito de lhe abrir novas oportunidades de trabalho.

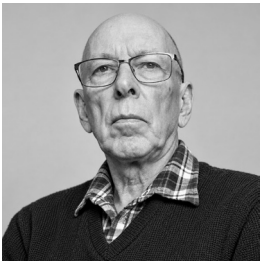
— Prazer em conhecê-lo e grata pela carona e pelo convite!

— respondeu Lúcia, descendo do carro com pressa.

Depois de uma semana, movida mais por curiosidade do que por entusiasmo, Lúcia resolveu procurar a página da empresa e se surpreendeu com a oportunidade que o destino lhe enviara. O fluxo natural da vida novamente havia atuado a seu favor. Sem desprezar a necessidade de esforço e dedicação, a boa sorte também falava alto e agia a seu modo.



Stegues



Stegues é aposentado, mora em Canoas (RS) e participa de diversas antologias.

Tirana

Quando ela nasceu, nada anormal aconteceu para dar sinal de que seria uma rainha. Somente o grito da mãe ecoando pela casa anunciou a sua chegada. A seriema cantou e o calango arregalou os olhos de espanto.

A menina caiu nas mãos da parteira que lhe deu um tapa nas nádegas. — *Chora que a vida não é fácil!*

Logo em seguida foi abençoada pelas águas. A mãe queria que se chamasse Maria, o pai, o nome da avó, Deolinda. Discussão vai, discussão vem, para contentar as partes, o escrivão juntou os dois nomes e escreveu Marlinda no livro de registros de nascimento. Com o tempo, passaram a chamar a menina de Linda, que linda era.

Assim foi, assim ficou.

Linda cresceu de pés descalços, pisando no pó da terra ocre. — *No pó nasceste, no pó viverás.* Corria como onça. Estudou o bê-á-bá, fez vacina contra varíola. Cresceu, floriu. Quando passava pela rua, os rapazes a seguiam com os olhos ávidos e depois iam descascar banana. Ela parecia prometer o céu e mais alguma coisa na conjunção da carne, na obrigação de seguir a lei de Deus; *amai-vos, sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a Terra.*

Os pais morreram de repente, num dia de forte temporal. Caíram com carroça e tudo num despenhadeiro. Um acidente, disseram na investigação. Sem condições de cuidar das terras que o pai deixou, ela vendeu para o coronel Tibúrcio Miranda. Ficou sozinha, mas não por muito tempo. Namorou João Sereno, funcionário da prefeitura, e decidiu se casar com ele, pois já era adulta e dona de si.

Uma cerimônia simples, porque ainda estava de luto. Parecia que seriam um casal feliz. Parecia. João não cumpriu as promessas que fez diante do altar. Não levou dois anos, tornou-se distante, ignorando os anseios da esposa. — *A cama não foi feita só para dormir.*

De vez em quando João chegava tarde do trabalho. Dizia que estava fazendo serão na prefeitura. Linda começou a desconfiar que os serões eram uma outra mulher. Decidiu

vigiar o marido. Foi a um brechó, comprou uma calça, camisa e chapéu. Assim, disfarçada de homem, ficou escondida perto da prefeitura. Ao entardecer, quando João deixou o trabalho, ela o seguiu e o viu entrar na casa da viúva Josefina. A viúva, desprezando o luto e o recato, mal o marido morreu, já estava com outro homem na cama! Que bruaca!

Bufando de raiva, Marlinda foi à sua casa, pegou a espingarda do falecido pai e voltou. Entrou por uma janela dos fundos e, chegando ao quarto, encontrou os amantes na cama. — *No bem-bom*. Dois disparos e a honra estava lavada. Fria e mecânica, deixou o local. Chegando em casa, pegou uma trouxa de roupas e se embrenhou sertão adentro.

Era uma mulher decidida, forte e selvagem, porém, não era de ferro. Dias depois, seguia pela caatinga com as alpercatas dilaceradas pelas pedras do caminho, os pés sangrando. Com sede e fome. Acima, os urubus planavam no ar quente seguindo o vulto moribundo, esperando que a vida se esvaísse para se atirarem ao banquete. Esgotada, sem mais esperança, sem mais ilusão, Linda/Marlinda deixou-se cair no pó do ermo. — *Ao pó voltarás.*

* * *

Jesuíno nasceu de mãe solteira. Nunca soube quem era seu pai. A mãe sofreu desilusões de menina-moça. Enganada por um Dom Juan, ficou sozinha, embuchada. Tornou-se fria e turrona. Enterrou o passado. Fugia do assunto como quem foge de um fantasma.

Jesuíno tinha 23 anos quando conheceu Vitalina, mais conhecida como Vitinha. Ela era mais velha que ele e era casada com um guarda-livros chamado Gumercindo dos Reis. Bonita, sensual. — *Femme fatale.* Ela lhe prometeu mundos e fundos se ele a levasse embora daquela cidade. Casara-se por conveniência com Gumercindo. Agora, arrependida, achava que estava perdendo tempo e a juventude naquele lugar insípido. Ansiava por uma vida nova, longe dali. *Antes que eu me torne velha e ainda mais infeliz.*

Fez o rapaz se apaixonar por ela e o convenceu a roubar as economias da mãe dele, que era doceira. Numa madrugada mormacenta, fugiram, pegando carona na estrada. Os primeiros dias na cidade grande foram difíceis. Mas logo arranjaram emprego, se estabilizaram. Parecia que tudo seria um mar de rosas para

Jesuíno. Oito meses depois, ao chegar em casa, encontrou um bilhete de Vitinha sobre a mesa. *Foi bom esses meses com você. Te gosto, mas não posso mais ficar contigo.* Sem mais explicações, Vitinha sumiu de casa e da vida dele.

Desiludido, Jesuíno continuou com seu emprego modesto na padaria. Envolveu-se com uma prostituta e tornou-se gigolô. Viveu algum tempo na zona do meretrício. Um dia envolveu-se numa briga e acabou baleado na barriga. Quase morreu. Quando ganhou alta do hospital, decidiu mudar de vida. Durante o tempo em que ficou no leito do hospital, pensou na mãe, na cidade onde nasceu e tentou imaginar como seria sua vida se tivesse ficado lá. Resolveu visitar a terra natal. *Será que a mãe vai me perdoar?*

Ao chegar na cidade, viu que pouca coisa havia mudado. Andando pelas ruas, não percebeu que estava sendo seguido por um velho barbudo, de olhar macilento. Ao dobrar a esquina o homem agarrou-o por trás. Era Gumercindo dos Reis, empunhando uma faca. O ex-marido de Vitinha o reconheceu e queria se vingar, matar o ladrão que roubou sua mulher. Mas Jesuíno foi mais rápido, puxou do punhal e deu três estocadas. O homem desabou. A rua estava deserta e ninguém viu o ocorrido. Jesuíno puxou o velho para um beco e escondeu o corpo num monte de lixo. Decidiu sair logo da cidade. Se arrependeu de ter vindo. Antes de ir, foi visitar a mãe, saber como estava. Queria pedir perdão por ter ido embora.

Escurecia quando ele chegou na casa. Estava a mesma coisa. Pintada de branco, com um jardim na frente. A mãe gostava de flores. Ela o recebeu com frieza e nem o convidou a entrar. *Como a senhora está?* Rosa não respondeu e começou a fechar a porta. Mas parou, voltou a olhar para ele. *O nome dele é Gumercindo Reis.*

Ele não entendeu, mas levou um choque ao ouvir o nome. *Teu pai se chama Gumercindo Reis. Não era isso que querias saber?*

Ele saiu da cidade tonto, aperreado. Penetrou no ermo, como cão sarnento fugindo de tudo e de todos. Mas quis o Destino que encontrasse alguém. Uma mulher desfalecida, caída na orla da caatinga. Uma sombra. Talvez um espírito errante. Porém muito bonita, tão bela quanto a flor do mandacaru.

Encontrando aquela mulher desfalecida, apressou-se a ajudá-la

dando-lhe água do seu cantil e comida do seu embornal, rapadura com farinha de mandioca.

Recuperando-se, Marlinda agradeceu ao seu salvador e os dois conversaram por longo tempo, à sombra de um umbuzeiro. Ela contou a sua triste história. E ele a dele. Disse que, em suas andanças nos meios marginais, soube que o coronel Tibúrcio Miranda mandou atirar um casal de velhos num grotão. *Quando tu falaste que teus pais caíram numa ribanceira, achei que seriam os tais velhos.*

Marlinda ficou agoniada. Sentiu a dor parada no peito, quase esquecida, como brasa sob cinzas, se reacendendo num fogaréu. Com anseios de vingança. Nunca havia pensado que a morte dos pais poderia não ter sido acidente. O coronel Tibúrcio sempre quis comprar as terras, mas seu pai se negava a vender. O coronel mandou matar os velhos para poder comprar a propriedade por um preço baixo, já que ela não tinha condições de cuidar. Com tanta mágoa, decidiu se vingar. Jesuíno prontificou-se a ajudá-la, logo que ela se recuperasse, que ganhasse forças. — *Saco vazio não para em pé.*

* * *

Certo dia, a noite chegou mais cedo em Brejo Grande. Nuvens negras cobriram o céu e uma ventania repentina assobiou nas cumeeiras das casas. Um trovão abalou os ares e foi sumindo, ecoando pelas escarpas dos montes.

A porta do Bar do Chico Cambota abriu-se de repente e uma silhueta de chapéu e capa esvoaçante destacou-se ante os relâmpagos lá fora. Os quatro homens no estabelecimento se arrepiaram, imaginando ser um mau espírito transportado pela tempestade. O dono do bar atrás do balcão e os três homens que jogavam cartas numa mesa respiraram aliviados ao ver o rosto da criatura quando se adiantou para a luz dos lampiões. Era apenas um homem, um rapaz aprumado, de sorriso cativante. Engano deles, era a Morte chegando.

Logo após o forasteiro, entrou uma mulher usando roupas de vaqueiro e um chapéu largo na cabeça. Uma mulher de beleza selvagem e aspecto ameaçador. Ela perscrutou o ambiente com os olhos negros e, localizando seu alvo na mesa do carteado, sacou dois revólveres Colt 45.

O coronel Tibúrcio Miranda reconheceu Marlinda e, ao vê-la armada,

pressentiu que ia morrer. Ainda tentou puxar a pistola Luger do bolso interno do jaquetão, mas foi lento demais. Levou um balaço na testa e outros três no peito. O homem rodopiou, desabou sobre a mesa e rolou para o soalho. Quando caiu, já estava morto, bem mortinho. — *Que a terra lhe seja leve!* Feito o serviço, a dupla arribou, sumindo na poeira da estrada.

* * *

Marlinda e Jesuíno se afeiçoaram um ao outro, tanto pela simpatia quanto pela necessidade de preencher o vazio de suas vidas. Roubar em dois era melhor do que em um e os dois roubaram um banco, pois precisavam de dinheiro para se manter. Se tornaram cangaceiros. Outros desajustados na vida se uniram ao casal e foi assim que o bando liderado por uma mulher ganhou fama.

Marlinda passou a ser chamada de Tirana. Tal nome passou a ser temido, era sinônimo de desgraça no sertão.

Algumas pessoas julgavam que Marlinda e Jesuíno eram amancebados, mas estavam enganados. Entre os cangaceiros havia romance, sim, casais apaixonados, amores não correspondidos. Felício gostava de Belinha, por sua vez Belinha gostava de Tião, que amava Marlinda, que não amava ninguém.

Tanta ilusão perdida, tanto amor em vão, um dia estoura como um trovão! Pois Felício, azougado de ciúme, matou Belinha causando rebuliço. Por ordem de Marlinda, Tião matou Felício e depois matou outro colega, o mulato Carrapato, que o chamou de cachorrinho da patroa. A morte de Carrapato desagradou a Marlinda e ela expulsou Tião do grupo. Desiludido com a vida e desgarrado do bando, Tião desprezou a cautela. Bêbado, foi pego pela polícia e, covarde que era, entregou o paradeiro dos ex-companheiros.

Assim, numa tarde, quando a rolinha cantava, cantaram os fuzis dos soldados ensandecidos, alucinados com a ideia de ganhar fama por matarem a rainha dos cangaceiros. Pego de surpresa, o bando sucumbiu ao tiroteio. Marlinda ainda tentou fugir, mas foi varada pelas balas de uma submetralhadora Bergmann.

Esta é a história de Marlinda, que foi Linda, que foi Tirana. — O resto é lenda.

Do Salão da Proust

O Salão Literário da Proust é um grupo de WhatsApp em que a conversa sobre literatura está sempre em movimento. Entre leituras, perguntas, debates e provocações proustianas, também surgem textos. Nesta edição, trazemos uma amostra dessa produção: escritos por vezes ainda crus, nem sempre lapidados, que preservam o impulso da criação e as marcas da troca entre os participantes. Abrimos estas páginas para compartilhar um pouco da vida do Salão — e convidar você a fazer parte da conversa.

Para entrar no Salão:

https://tinyurl.com/5ssexrak

Vão das horas

Farlley Derze

Da provocação "As mãos de alguém".

As silhuetas das duas mãos puxaram a cortina. Deixaram apenas uma fresta para um pedaço da noite entrar no quarto. Dali, as silhuetas se retiraram. Depois de um breve momento, dois dedos tocaram o puxador da gaveta da mesa de cabeceira. Abriram a gaveta. Um vento sacudiu as cortinas. A mão entrou na gaveta e os mesmos dois dedos pegaram um lápis. Colocaram-no sobre a superfície da mesa. Um som peculiar chamou a atenção para o lápis rolando. A outra mão, espalmada num reflexo, o deteve antes dele cair no chão. A mão livre puxou um bloco de folhas finas de dentro da gaveta e, com o dorso, fechou-a. A mão espalmada liberou o lápis para a outra. Esta o encaixou num gesto automático entre os dedos, enquanto a mão espalmada se recolheu para, numa coreografia cognitiva, desdobrar as folhas do bloco. Sim, foi difícil fazer tudo aquilo na escuridão. Ninguém sabe qual foi o dedo que, de repente, acendeu o abajur. O mais provável seria algum dedo da mão que não segurava o lápis. Não importa. O lápis começou a correr no papel. Surgiu o nome de uma cidade, depois a data, depois o horário: 02:14h. Houve uma pausa. O suficiente para ouvir da velha insônia o título para um novo poema. Ato contínuo, o lápis desenhou uma palavra com uma cerimônia caligráfica.

Noturno

Por que não durmo?

Houve outra pausa. Os dedos mantiveram o lápis na posição vertical exatamente sobre o ponto da interrogação. Sob a luz tênue e amarela do abajur, a outra mão, apoiada sobre a folha de papel, ergueu seus dedos sem mexer o punho. Os dedos desceram em seguida e ficaram quietos. Ergueram-se uma segunda vez, o punho quieto sobre o papel. Desceram. Depois, uma terceira vez. Em seguida, aquela mão deslizou até o título, percorrendo-o da letra N até a letra o. O indicador desceu até a letra P, deslizou até a próxima

letra o, pelo r, e fez um movimento repetitivo entre a letra r e a letra q, como se estivesse coçando aquele vão. Ou talvez fosse um carinho. Ou o fenômeno da expressão "por que", ali, com três letras de cada lado, não possuir uma ponte física com os tijolos das letras. O lápis, até então imóvel na outra mão, foi conduzido para a linha debaixo, num rastro de sombra. A outra mão retirou-se para dar espaço ao poema.

Não durmo por causa do vão.

Os dedos guardavam aquela intimidade antiga com o lápis. Seria o lápis a imitação de um dedo? Seria um símbolo de liberdade de expressão? Seria um parente da vela, com um pavio de grafite? A mão ergueu o lápis. O polegar e o indicador o giraram no ar, num movimento de vai e vem em torno do próprio eixo. Houve um momento de contemplação. Dedos e lápis amalgamados no interior da sombra monolítica da mão projetada na folha. A mão como um tentáculo da escuridão. Foi uma questão de segundos até o lápis voltar à folha de papel. Num silêncio de sombras, as mãos se juntaram e se afastaram. Um ritual das cavernas num quarto urbano. Nada aconteceu no poema interrompido. Então, o grafite voltou a sussurrar rabiscos.

Vão pode ser um abismo.
Nesse caso, um substantivo.
Vão pode ser um verbo.
Conjugado na terceira pessoa do plural no presente do indicativo.
Vão pode ser um adjetivo.
Masculino de vã, vã esperança ou esforços vãos.

Os vãos dos amores.
Os amores vão.
Os amores vãos.

Uma das mãos fechou as folhas do bloco. A outra apagou o abajur. Não se sabe que mão abriu a gaveta e guardou o poema, nem quais dedos guardaram o lápis, ou qual ponta do dedo fechou a gaveta naquela escuridão.

Tento escrever

Farlley Derze

Da provocação "O estranho que volta" — exercício de pantum.

Tento escrever
Que verso curto
Venha me ver
Sinta meu surto

Que verso curto
Letras escuras
Sinta meu surto
Tantas misturas

Letras escuras
Abro a janela
Tantas misturas
Nessa panela

Abro a janela
Venha me ver
Nessa panela
Tento escrever

Lucy e Erasmus

Farlley Derze

Aqueles outros agora enterram seus mortos.

Eles cobrem com pedras para o corpo não ser devorado pelos bichos.

Erasmus, e quando chegar nossa vez?

Oh, Lucy, não quero ser coberto por pedras.

Nem eu.

Lucy, esconder o corpo é invenção deles.

Eu só comentei que agora eles escondem seus mortos.

Você disse "enterram".

Foi força de expressão, Erasmus.

Não temos que esconder nosso corpo quando morrer.

Concordo plenamente com você.

Mas admiro o que fazem, Lucy; viu que eles aprenderam a fazer luz?

Aquilo não é luz, é fogo.

Eu quis dizer que à noite a caverna deles fica iluminada.

Já vi, parece um rasgo na escuridão.

Nossa, Lucy, que frase bonita.

Obrigada, Erasmus.

De nada.

Sabe… estou com fome. Podemos colher algumas daquelas frutas vermelhas na árvore ali adiante.

Acho uma boa ideia, estou precisando de energia.

Vamos.

Vamos.

Erasmus, você já reparou que eu consigo me equilibrar bem sobre os dois pés?

Mãos e pés? Lucy, nós andamos com os quatro no chão. Veja-me.

Você reparou?

Eu notei isso faz algum tempo; não gosto muito de pensar que você está imitando aquela gente.

Não estou imitando ninguém, Erasmus.

Então não imite, não desonre nossos ancestrais.

Eu simplesmente acordei um dia e aconteceu.

Apenas não os imite, Lucy. Abaixe-se e venha ao meu lado.

Está bem.

Temos que ficar perto de nossa sombra.

Ontem vi vários machos deles com a mesma fêmea.

Isso não é da nossa conta.

Ela estava calma, parecia se divertir.

Eles escolhem um dia para se divertir, escolhem outro para brigar.

Que fruta gostosa, Erasmus, mas minha barriga…

Será que o bebê vai nascer?

Acho que sim.

Como vamos chamá-lo, Lucy?

Que tal, Adão?

Um ingresso para sonhar

Farlley Derze

Da provocação "Uma coisa puxa outra".

Helicóptero, inseto mecânico
Meu travesseiro desperta
A fumaça do café também se espreguiça
Hora de trabalhar

Eu queria ser poeta
Sou porteiro do zoológico
Por isso a rima não vem
Já risquei tantos papéis
O nome dela também

A fila está grande
Querem ver, macacos
Cobras, girafas, a formiga é de graça
Sempre brinco quando pego os tickets

Uma senhora gorda sussurrou
Estique os ouvidos
Fica pra lá, apontei
Mas os hipopótamos não são fáceis
O truque é esperar emergirem

E por falar em água
"Moço, vai chover?"
Parece, respondo
Nuvens escuras
O helicóptero vagueia
Não dá para ver

A chuva não perdoa
Todo mundo indo embora
"E os hipopótamos?", perguntou-me
Dei de ombros, ela já tinha dado as costas

Se eu fosse poeta
A chuva combina com poema
Poetas gostam de coisas tristes
Zoológico vazio serve?
Ou uma paixão jogada no lixo

Hora de ir embora
Chego em casa à noite
Ligo pra ela de novo?
Ou me escondo como um hipopótamo
Cinco sílabas e proparoxítona
Poetas gastam tantas sílabas assim?
Duvido

Meu primeiro poema vai ser uma pergunta
E só
Nada mais
Porém, duvido que ela responda
Por isso eu gosto da noite
Eu entrevisto a escuridão
Ouço respostas fáceis
Meus olhos visitam quintais
Sinto o cheiro de mato
Ela e eu de mãos dadas
A rua não nos enxerga
Carros, postes, pessoas
Só a lua nos vê
Ela me faz perguntas
Respondo sim
Outra pergunta
Sim outra vez
A rua acaba
A noite acaba
Meu travesseiro desperta

… a formiga é de graça…

Concerto dos sapos

Farlley Derze

Em 2002 eu fui conhecer Pirenópolis (GO), e na vitrine de uma loja vi um CD chamado "Concerto dos sapos". Entrei na loja e comprei o CD.

De volta à minha casa, em Brasília, rompi o lacre do CD e o escutei. Tratava-se de uma música descritiva (aquela quando o compositor usa instrumentos musicais para descrever sonoramente uma paisagem, ou animais ou acontecimentos, por exemplo: "Carnaval dos animais", de Camille Saint-Saëns; a introdução do Trenzinho do caipira, de Villa-Lobos; "Des pas sur la neige", de Debussy; etc.).

No caso do "Concerto dos sapos", obra de 1888, o compositor brasileiro "Tonico do padre" (apelido, porque era irmão do padre da cidade) quis descrever "os sapos" (o coaxar, os saltos, e até trovoadas). Foi o que deduzi com base em meus estudos de música descritiva, e com base no que ouvia do CD. O título "Concerto dos sapos" já era uma dica do intuito do compositor. Mais de 150 anos antes, o compositor Georg Philipp Telemann compôs o famoso concerto barroco inspirado em sapos. Trata-se do Concerto para Violino em Lá Maior, popularmente conhecido como "Os Sapos" ("Die Relinge" ou "The Frogs"). Telemann imita o coaxar dos sapos usando técnicas específicas nas cordas do violino (tocando cordas soltas simultaneamente com notas pressionadas).

Apesar de não haver internet nos séculos anteriores, havia os viajantes, havia os jornais e era possível se atualizar sobre as ideias artísticas entre continentes.

Quando escutei o "Concerto dos sapos", notei algo estranho. Os instrumentos soavam desafinados. A música foi gravada por uma banda de metais (trombones, tubas, trompetes, saxofones para imitar os sapos) e instrumentos de percussão (que simulavam trovoadas). Observei a data da composição: 1888. Chequei a data da gravação: 1970. Observei os dados técnicos do CD e encontrei o nome do maestro. Eu estava em 2002. Fiz as contas e acreditei na possibilidade daquele maestro ainda estar vivo. Peguei a lista telefônica e telefonei

para números aleatórios das residências de Pirenópolis. Eu me apresentava como morador de Brasília, pianista e aluno de pós-graduação em música brasileira, na Universidade de Brasília. "Estou procurando um músico e maestro chamado José Joaquim do Nascimento." Ninguém conhecia. Passei uma semana com a lista telefônica no colo numa busca aleatória daquele maestro. Então a sorte bateu à porta. Uma moça atendeu dizendo "sim, ele é meu avô". Fiz mais perguntas e ela "claro, ele está vivo". Então combinamos uma entrevista com o avô dela. Fiz a viagem de carro, de Brasília a Pirenópolis, e o entrevistei.

Após várias perguntas, eu comentei que os instrumentos de sopro pareciam muito desafinados. Perguntei se ele concordava comigo. Ele abriu um sorriso e respondeu: "Naquela época da gravação, 1970, os músicos dos instrumentos de sopro eram 'banguelas', não tinham dentes, eram homens do campo, da lavoura, e não havia dentista na cidade. Sabiam tocar, mas para conseguir tocar um saxofone ou um trompete afinado, é necessário ter dentes na boca. Como eram desdentados, não tinha como a banda soar afinada."

Apesar de ter feito essa descoberta, de saber a história da gravação e ouvir outras vezes abstraindo a questão da desafinação, concentrando-me na melodia e na estética da música descritiva, ainda assim não gosto da obra. Mas aplaudo de pé o gesto do maestro ao resgatar uma partitura de 1888 e gravá-la em 1970. Um gesto de preservação do patrimônio artístico de uma cidade, isto é, dar vida a um compositor do interior brasileiro do século XIX, que tinha interesse em música descritiva. Sem a gravação, a partitura e a obra estariam perdidas para sempre.

O que não torna

Jonas Nascimento

Compartilhado na provocação "O que insiste em voltar".

Não há retorno ao tempo que passou,
nem há lugar que nos devolva a hora;
o que partiu, de nós se separou.

Podemos reencontrar a mesma porta,
a praça, o velho banco, a antiga rua,
mas nada restitui o que se corta.

A casa permanece, embora nua;
a luz atravessa ainda a mesma sala,
mas já não somos dois sob o mesmo Sol.

O rio, indiferente, segue e cala;
a ponte continua sobre a corrente,
enquanto o que vivemos se exala.

Podemos repetir o antigo caminho,
sentar no mesmo lugar ao fim do dia,
e ainda assim caminhar sempre sozinhos.

Pois cada instante morre quando expira,
e nenhum regresso o faz nascer;
o que a memória guarda, já não vibra.

Não há retorno ao tempo que passou,
nem há lugar que nos devolva a hora;
o que partiu, de nós se separou.

Talvez lembrar seja somente olhar
para aquilo que um dia nos pertenceu,
sabendo que jamais há de voltar.

Não há retorno ao tempo que passou,
nem há lugar que nos devolva a hora;
o que partiu, de nós se separou.

A irrelevante geografia das coisas perdidas

Jonas Nascimento

(Chave → porta → casa → infância → quintal → formiga → açúcar → domingo → sino → distância.)
A chave ainda está aqui, a porta já não existe.
Guardada numa gaveta, entre recibos vencidos, e botões sem camisa.
Às vezes, abro a gaveta como quem espera encontrar um endereço.
A chave me devolve a casa, a casa me devolve o quintal, e no quintal há uma formiga carregando algo maior do que a sua eterna fome operária.
É domingo bate o sino
de uma colher de prata
contra uma taça vazia
reunindo todos à mesa. O café esfria, alguém ri na cozinha, e eu não sei que a felicidade também pode ser uma coisa que só reconhecemos quando já está longe.
Depois, a tarde insistente se esgueira e estende sobre os telhados,
e o mundo parece agora
tão pequeno que caberia inteiro na palma da mão.
Mas a criança cresce.
Hoje, quando procuro a chave, não sei mais qual porta ela deveria abrir.
Talvez não tenha de abrir nenhuma afinal.
Talvez certas coisas permaneçam não para nos devolver o que perdemos, mas para provar que houve, em algum lugar do tempo, uma porta aberta, um sino tocando, uma mesa posta.
E alguém chamando nosso nome antes que aprendêssemos a responder de longe.
Reduzindo tudo a um punhado de explicações sentimentais.

Anemoia

Jonas Nascimento

Livros antigos,
páginas amareladas,
letras mortas,
histórias inacabadas.
Bibliotecas,
estantes,
silêncio.
Poeira,
tempo,
esquecimento.
Um livro aberto,
um nome,
uma dedicatória.
Quem foi?
Quem leu?
Quem lembra?
Romances,
poemas,
cartas,
diários.
Amores de papel,
mortos centenários,
sonhos alheios,
passados imaginários.
A letra miúda,
a capa gasta,
o cheiro de mofo,
a vida que passa.
Um mundo inteiro
entre duas capas.
Gente que nasce,
gente que morre,
gente que ama,
gente que chora.
E eu,
que não vivi nada daquilo,
sinto saudades.
Saudades de cidades
que nunca conheci,
de ruas por onde não andei,
de pessoas que não encontrei,
de tudo que não perdi.
Fecho o livro.
A tarde declina.
Na estante,
outro passado me espera.
E essa estranha nostalgia
de um tempo que não foi meu
permanece.
Anemoia.

Petricor

Jonas Nascimento

Chamam de petricor
o cheiro da chuva na terra,
como se a língua precisasse
de tanta coisa para sentir
aquilo que o olfato encerra.

Há quem diga odor de terra molhada,
há quem prefira cheiro de chuva,
e há quem, sem consultar dicionários,
abra a janela, sorria
e deixe a infância entrar.

Os gregos, que deram nomes aos deuses, muito ciosos dos sacros mistérios do seu panteão também nos deram essa palavra: Petra, pedra; ichor, o sangue dos imortais.
E assim, entre uma pedra e uma divindade, batizaram o cheiro que sobe do chão quando o céu se põe a chorar.

A ciência, por sua vez, fala em geosmina, em óleos vegetais, em compostos que o ar transporta depois da longa estiagem.
Explica o milagre em moléculas, põe números no encantamento e chama de fenômeno o que minha avó chamava de garoa chegando.

No sertão, talvez seja apenas o cheiro da terra com sede. No campo, o anúncio do verde. Na cidade, o asfalto lavado, o quintal ressuscitado, a poeira perdendo a pose.

Em cada lugar, uma maneira de dizer que a água voltou. Mas nós, que complicamos tudo, não satisfeitos com a chuva, inventamos o petricor.

Como se não bastasse molhar a terra, fosse preciso também molhar a palavra em latim, vesti-la de grego e dar-lhe um ar de autoridade exigindo que alguém a pronuncie antes de sentir.

Imagine explicar a um menino que o cheiro de sua brincadeira:
A lama grudada nos pés,
O quintal que sua mãe proíbe,
A poça onde pula sem licença,
tem um nome tão sofisticado
que nem cabe no boletim escolar.
Ele talvez responda,
com a sabedoria dos descalços:
— É chuva, moço.
Não precisa falar difícil.

E continuará pulando nas poças,
enquanto nós, atrás das vidraças,
discutiremos se o aroma é mineral,
vegetal, geológico ou poético.
Ela logo passará, a terra a beberá em silêncio. As folhas lavarão o rosto. E o cheiro, esse velho conhecido, subirá sem pedir licença às narinas do mundo.

Chamem-no como quiser: petricor, geosmina, aroma pluvial ou simplesmente cheiro de terra molhada.
A chuva não se importa. Nunca precisou de tanta pompa para cair. A terra nunca precisou de tanto fazer sentir a sua paixão pela água.

PROUST MAGAZINE
Vol. 1 No. 5 (nov/2026)

PROUST EDITORA

LITERATURA · MEMÓRIA · REFLEXÃO



WWW.PROUSTMAGAZINE.ORG
@PROUST.EDITORA